



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

RESOLUÇÃO CEPE - Nº 2022.30

Aprova Novo Projeto Pedagógico do Curso de Medicina, da UEPG.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, na reunião do dia 22 de novembro de 2022, *considerando* os termos do expediente protocolado sob nº 22.000057384-9, de 23.08.2022, que foi analisado pelas Câmaras de Graduação e de Extensão, através do Parecer deste Conselho sob nº 2022.48, *aprovou* e eu, Vice-Reitor, sanciono a seguinte Resolução:

Art. 1º Fica aprovado o Novo Projeto Pedagógico do Curso de Medicina, da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, na forma do *Anexo* que passa a integrar este ato legal.

Art. 2º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação. Reitoria da Universidade Estadual de Ponta Grossa.



Documento assinado eletronicamente por **Ivo Mottin Demiate, Vice-reitor**, em 28/11/2022, às 11:25, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1222381** e o código CRC **0471AC84**.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO BACHARELADO EM MEDICINA

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Atos Legais

A Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG foi criada pelo Governo do Estado do Paraná, através da Lei nº 6.034, de 06 de novembro de 1969, e Decreto nº 18.111, de 28 de janeiro de 1970. Foi reconhecida pelo Governo Federal através do Decreto nº 73.269, de 07 de dezembro de 1973 que, simultaneamente, aprovou seu Estatuto, o Regimento Geral e o Plano de Reestruturação.

1.2 Endereço

- Página: <http://uepg.br/>
- Fone: (42) 3220-3000
- *Campus Uvaranas* - Av. Gal Carlos Cavalcanti, 4748, CEP 84030-900 - Ponta Grossa – Paraná.
- *Campus Central* - Praça Santos Andrade, 1 – CEP 84010-790 - Ponta Grossa – Paraná

1.3 Perfil e Missão da IES

A finalidade que justifica a existência da UEPG enquanto Instituição de Ensino Superior do complexo educacional do Estado do Paraná e que baliza seus objetivos estratégicos, táticos e operacionais consiste, de modo geral, em proporcionar à sociedade meios para dominar, ampliar, cultivar, aplicar e difundir o patrimônio universal do saber humano, capacitando todos os seus integrantes a atuar como força transformadora. Tal finalidade se sintetiza na ideia de ação unitária entre o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão. Deste modo, a Universidade está comprometida com a educação integral do estudante, preparando-o para:

- exercer profissões de nível superior;
- praticar e desenvolver ciência;
- valorizar as múltiplas formas de conhecimento e expressão, técnicas e científicas, artísticas e culturais;
- exercer a cidadania;
- refletir criticamente sobre a sociedade em que vive;
- participar do esforço de superação das desigualdades sociais e regionais;
- assumir o compromisso com a construção de uma sociedade socialmente justa, ambientalmente responsável, respeitadora da diversidade e livre de todas as formas de opressão ou discriminação de classe, gênero, etnia ou nacionalidade;
- lutar pela universalização da cidadania e pela consolidação da democracia;
- contribuir para a solidariedade nacional e internacional.

De modo sintético, pode-se expressar a missão da Universidade da seguinte forma:

A UEPG tem por finalidade produzir e difundir conhecimentos múltiplos, no âmbito da Graduação e da Pós-Graduação, visando à formação de indivíduos éticos, críticos e criativos, para a melhoria da qualidade da vida humana.

1.4 Dados Socioeconômicos da Região

A UEPG vem desempenhando, desde a década de 1960, o papel de polo irradiador de conhecimento e de cultura da região centro-sul do Paraná desenvolvendo o ensino de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão.

Com sede em Ponta Grossa, município paranaense distante 117,70 km da capital Curitiba, com uma população estimada em 2017, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018a), de aproximadamente 344 mil habitantes, índice de desenvolvimento



humano municipal – IDH-M de 0,763, e densidade demográfica igual a 150,72 hab/km², a UEPG busca atender as demandas da cidade e região.

Em termos de mapeamento das unidades territoriais, Ponta Grossa pertencente à Mesorregião do Centro Oriental Paranaense, composta pelas cidades de Arapoti, Carambeí, Castro, Imbaú, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Reserva, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania.

Em termos fitogeográficos, Ponta Grossa pertence aos Campos Gerais abrangendo os campos limpos e os campos cerrados naturais situados na margem do Segundo Planalto Paranaense (MAACK, 1948; MELO, MORO e GUIMARÃES, 2010). Destacam-se no relevo regional a Escarpa Devoniana, o Canyon do Guartelá e outros sítios como arroios em leito rochoso, cachoeiras, matas-ciliares, furnas, gargantas e despenhadeiros (MELO, MORO e GUIMARÃES, 2010); com evidência para o Parque Estadual de Vila Velha, em Ponta Grossa.

Conhecida também como “Princesa dos Campos Gerais”, Ponta Grossa é a 4^a (quarta) mais populosa do Paraná e 76^a (septuagésima sexta) do Brasil (IBGE 2018).

Embora a sede da UEPG seja em Ponta Grossa, a área de influência da UEPG se estende por vários municípios paranaenses. Grande parte das comunidades pertence às microrregiões dos Campos Gerais e dos Campos de Jaguariaíva, vasta superfície de estepes por onde adentrou o Paraná a civilização Tropeira, através do caminho das tropas, que ligava Viamão (RS) a Sorocaba (SP). A invernada de bois e muars das tropas marcou fortemente a economia desse espaço geográfico desde os séculos XVII e XIX até a chegada das ferrovias, na virada do século. A partir daí a excepcional posição geográfica de suas cidades passou a permitir o desenvolvimento de atividades industriais, alimentadas pelo sistema de transportes, que transformou Ponta Grossa, Jaguariaíva, Irati e União da Vitória em polos industriais de certa monta, o que ainda hoje se reflete na vitalidade do setor secundário nesses municípios.

É reconhecida a importância do polo agroindustrial de Ponta Grossa (esmagamento de soja, moinhos de trigo, fábricas de cerveja, de massas alimentícias, além de um forte segmento metalomecânico). Quanto aos municípios de Telêmaco Borba, Jaguariaíva e Arapoti se destacam por concentrar, a partir dos anos 1940, significativo percentual das indústrias brasileiras de papel, celulose e madeira. Portanto, a transformação industrial da região dos Campos Gerais está diretamente vinculada às empresas de processamento direto de produtos da agricultura, pecuária e floresta.

Para que esse setor primário pudesse garantir, de forma planejada e sustentável, o fornecimento de matéria prima ao setor secundário (indústrias da região), foi fundamental a implantação e expansão de instituições públicas e privadas de pesquisas agropecuárias e florestal. Nesse contexto, destacam-se, além da UEPG, o Instituto Agrônomo do Paraná - IAPAR, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa e a Fundação ABC.

Nesse panorama, destaca-se também o sistema de plantio direto, que foi iniciado na região há cerca de 40 anos, e difundido por todo o Brasil e em diversos países da América Latina. Esse sistema tem causado uma das maiores revoluções na agricultura brasileira por ser considerada uma das estratégias mais eficazes para aumentar a sustentabilidade da agricultura em regiões tropicais e subtropicais, e frequentemente utiliza e difunde tecnologias de ponta na agricultura.

Já a mesorregião sul se caracteriza pela agricultura colonial, inaugurada pela imigração polonesa e ucraniana, sendo predominantemente agricultores familiares. Tradicional fornecedora de erva-mate aos mercados mundiais desde meados do século XIX até a década de 1930, a mesorregião voltou-se, após a Depressão, à exploração das matas de Araucária. A maneira predatória com que foi exercida essa atividade acarretou estagnação econômica a partir dos anos 1960, restando hoje uma indústria madeireira, em União da Vitória e adjacências, voltada a produtos de maior valor agregado, como esquadrias e móveis de madeira. Também na mesorregião sul são desenvolvidas atividades papelarias, porém de menor porte em relação às da região campestre; e um importante polo cerâmico vem se desenvolvendo nas últimas décadas no triângulo Imbituva-Guamiranga-Prudentópolis. Como pode ser notado, as atividades agropecuária e florestal dessa mesorregião não ocorreram de forma organizada e empresarial



capaz de superar crises inerentes ao setor, resultando em diferenças sociais marcantes, sobretudo, para os atores da agricultura familiar, implicando em constante evasão da zona rural e elevadas diferenças sociais.

Entretanto, o agronegócio tornou-se a principal fonte de riqueza tanto para a região dos Campos Gerais quanto para o estado do Paraná. Em 2015, considerando a divisão política da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento - SEAB, segundo o Departamento de Economia Rural – DERAL, no Núcleo Regional de Ponta Grossa foram produzidos cerca de 190 produtos agropecuários, que representaram um Valor Bruto da Produção Rural de mais de 7 bilhões de reais (SEAB/DERAL, 2015a; SEAB/DERAL, 2015b). Desse modo, o desenvolvimento de tecnologias mais sustentáveis e que proporcionem incremento no rendimento de grãos, frutas e olerícolas é de fundamental importância.

Essa vocação deixa clara a importância da UEPG como formadora de profissionais qualificados nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Agronomia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Bioenergia, Zootecnia e Computação Aplicada, os quais têm como focos principais: (i) desenvolvimento científico e tecnológico da agricultura, por meio da realização de estudos voltados para a produção de grãos, fibras, frutas, olerícolas, forragens, leite, carne e energia, com o auxílio da tecnologia de informação, visando maior precisão, rastreabilidade e sustentabilidade da atividade agropecuária; (ii) transformação das matérias primas em produtos com maior valor agregado, tecnologia e promoção da agroindústria. Como consequência, novos conhecimentos e produtos têm sido gerados e repassados para a comunidade científica e aos produtores rurais, contribuindo com métodos e técnicas inovadoras de manejo de solo, água, plantas, animais, insumos agropecuários e processamento de alimentos, em consonância com o ambiente, com intuito de maior sustentabilidade ao agronegócio.

Nas mesorregiões Centro-Oriental, Oeste e Sudoeste do Paraná destacam-se a atividade da pecuária leiteira e da indústria de laticínios (Carambeí, Castro, Palmeira e Irati), calcada em cooperativas de produtores e desenvolvida em moldes tecnicamente avançados. De fato, fortes laços culturais ligam o centro e o sul paranaenses, desde primórdios do século XX, quando a ferrovia inaugurou Ponta Grossa como capital regional, transformando-a em fornecedora de bens e serviços para o interior paranaense.

O processo de industrialização aconteceu na cidade no período entre 1975 e 2005 impulsionado pela boa infraestrutura de transporte, mão-de-obra qualificada e barata, com a presença marcante da UEPG. Ponta Grossa tem indústrias nos seguintes ramos: extração de talco, pecuária, agroindústria, madeireiras, metalúrgicas, alimentícias e têxteis. Algumas das plantas industriais instaladas em Ponta Grossa são: Monofil, Arauco Brasil, Braslar Eletrodomésticos, Makita, Cervejarias Heineken, Continental, Tetra Pak, Beaulieu do Brasil, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus Commodities, Nidera, Brasil Foods, CrownCork Embalagens, entre outras, principalmente do ramo moageiro alimentício. Na região do Distrito Industrial também está instalado o armazém graneleiro da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, o maior complexo armazenador de grãos do Brasil.

Em 2005, o Sistema Federação das Indústrias do Paraná lançou o Projeto Setores Portadores de Futuro para o Estado do Paraná para identificação dos setores e áreas industriais mais promissoras para o estado em um horizonte de 10 anos. Passados os 10 anos, em 2015, o Sistema da Federação das Indústrias do Paraná, Sistema FIEP em parceria com o Sebrae-PR lança uma segunda edição do projeto, para os próximos 10 anos, em busca de novas oportunidades de prosperidade. Mais especificamente, o objetivo desta segunda edição do projeto é identificar setores e áreas portadores de futuro para a indústria paranaense que possam situar o estado em uma posição competitiva em nível nacional e internacional em um horizonte temporal de 10 anos. Para a Mesorregião Centro-Oriental foram priorizados os seguintes setores, segmentos e áreas: Agroalimentar; Bens de Capital; Biotecnologia; Celulose, Papel e Gráfica; Construção; Economia Criativa; Economia da Água; Economia do Turismo e Lazer; Economia Verde; Energia; Infraestrutura e Logística; Madeira e Móveis; Meio Ambiente; Metalmeccânico; Tecnologia da Informação e Comunicação.



Atualmente, mais um Complexo Industrial está se desenvolvendo na região norte da cidade, com a implantação de indústrias alimentícias e automobilísticas de alto padrão. Em 2013 foi inaugurada a DAF/PACCAR Caminhões, sendo esta a primeira fábrica de caminhões da marca na América Latina; e em 2016 foi inaugurada a fábrica da AmBev Cervejaria.

O município de Ponta Grossa, por meio da união de esforços de grande grupo de gestores como Prefeitura Municipal, Associação Comercial e Industrial – ACIPG, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Federação das Indústrias do Paraná – FIEP, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Ponta Grossa – CDESPONTA, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, dentre outros, está implantando o Parque Eco Tecnológico de Ponta Grossa, e, na UEPG, está em andamento a consolidação da Incubadora de Projetos Inovadores (INPROTEC) da UEPG.

Este novo cenário que se apresenta por meio da crescente industrialização motivou a UEPG ao desenvolvimento de atividades de ensino, extensão, pesquisa e inovação desencadeadas pelos cursos de Graduação (Bacharelado) em Geografia, Física, Matemática Aplicada, Química Tecnológica, Engenharia Civil, Engenharia de Software, Engenharia de Materiais, Engenharia de Alimentos, e Engenharia de Computação; e cursos de Mestrado e Doutorado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciências (Física), Geografia, Engenharia e Ciências de Materiais, e Química; e cursos de Mestrado Acadêmico em Computação Aplicada, Engenharia Sanitária e Ambiental, e Química Aplicada.

A formação de profissionais em nível superior nessas áreas do conhecimento e as pesquisas realizadas nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu contribuem para alavancar o desenvolvimento científico e tecnológico necessário para o crescimento desse segmento tão importante para municípios Campos Gerais, bem como para o Estado do Paraná. Salienta-se que o equilíbrio na geração de riquezas no Paraná entre os setores Agrícola e Industrial depende, fundamentalmente, das IES e institutos de Pesquisas. Nesse contexto, a UEPG vem contribuindo, mas tem muito mais a acrescentar para o Estado, por meio de ações da Agência de Inovação e Propriedade Intelectual (AGIPI) com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), Associação Comercial do Paraná e Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa (ACIPG).

Na área da saúde, Ponta Grossa é a cidade-polo da mesorregião centro-oriental do estado do Paraná. A UEPG, desde antes da sua criação, ainda como faculdades isoladas, já tinha tradição na área de saúde, com os cursos de Farmácia, Educação Física e Odontologia. A vocação da UEPG na área de saúde e biológicas é demonstrada pela formação de recursos humanos de excelência nos cursos de graduação em Biologia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina e Odontologia; Mestrados em Ciências Biomédicas e Ciências da Saúde. Adicionalmente, há o Mestrado em Biologia Evolutiva, que possui interface bastante estreita com a área da saúde. Essa área também teve, nos últimos anos, forte inserção na pós-graduação Lato Sensu, sobretudo, após o Hospital Regional dos Campos Gerais se tornar universitário, Hospital Universitário Regional Dos Campos Gerais – HURCG, sob responsabilidade da UEPG. Nesse contexto, destacam-se as Residências Médicas (Cirurgia Geral, Cirurgia Vascular, Clínica Médica, Medicina da Família, Neurologia e Radiologia), Multiprofissional (Atenção à Saúde Neonatal, Intensivismo, Reabilitação e Saúde do Idoso) e Uniprofissional (Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial, e Enfermagem Obstétrica). A área de Saúde da UEPG também tem experiência na formação de recursos humanos em nível de especialização em Odontopediatria e Ortodontia, e mais recentemente, em Hemoterapia.

Dessa forma, considerando a importância da cidade no contexto da saúde regional, as carências e necessidades da população em termos de saúde, justificadas pelos baixos valores de Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de algumas cidades atendidas justificam os cursos de Pós-Graduação citados para a formação de pesquisadores e profissionais de elevado nível para contribuir com o desenvolvimento regional. Além da projeção regional, a área de saúde da UEPG tem se destacado pela atração de pós-graduandos de vários países da América Latina.



A formação de professores para atuação na Educação Básica, desde 1950, atende as áreas de Matemática, Química, Física, Biologia, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Artes Visuais, Música, Educação Física, além do curso de Licenciatura em Computação, implantado em 2017, e do curso de Licenciatura em Filosofia aprovado institucionalmente e submetido à apreciação da SETI para autorização de funcionamento. Os cursos de Licenciatura da UEPG vêm desenvolvendo um trabalho coletivo reconhecido nacionalmente pelo caráter inovador das ações da Comissão Permanente das Licenciaturas – COPELIC e dos Programas voltados à formação docente como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID e Residência Pedagógica.

Projetos e atividades extensionistas voltados à melhoria do Ensino Básico e a formação inicial e continuada de professores são desenvolvidos pelos professores da Instituição. Soma-se a isso, a contribuição expressiva dos cursos (acadêmicos) de Mestrados e Doutorados em Ciências (Física), Educação, Geografia e Química; Mestrados (Acadêmicos) em Ensino de Ciências e Educação Matemática, e Estudos da Linguagem; e dos Mestrados Profissionais em Ensino de Física, História e Matemática. Ainda, há forte inserção dos cursos *Lato sensu* voltados ao público da licenciatura, sobretudo, mediante oferta de cursos de Especialização a distância em (i) Educação Física Escolar; (ii) Filosofia para o Ensino Médio; (iii) História, Arte e Cultura; e (iv) Sociologia para o Ensino Médio.

Portanto, a UEPG desempenha sólido papel na formação de licenciados em nível de graduação, especialização a distância, mestrado (acadêmico e profissional) e doutorado para atuação na Educação Básica e Educação Superior, sendo importante polo de qualificação profissional, de fomento e irradiação de pesquisas e inovações na área educacional.

As áreas de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais Aplicadas defendem a perspectiva da interdisciplinaridade na construção do saber científico, dada a própria complexidade dos fenômenos da vida social. A atuação dos cursos de Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas, e dos Mestrados em Economia e Jornalismo em uma das áreas de menor IDH do Estado do Paraná, demanda à UEPG a realização de estudos e pesquisas que contribuam para a compreensão desta realidade, com o objetivo de subsidiar intervenções possíveis que conduzam à elevação dos padrões de justiça e inclusão sociais. As áreas de Ciências Jurídicas e de Ciências Sociais Aplicadas também se destacam na formação de recursos humanos em nível de Especialização (a distância e presencial), com destaque para (i) Gestão de Eventos e Cerimonial Público e Privado; (ii) Gestão em Saúde; (iii) Gerontologia; (iv) Gestão Pública; (v) Gestão Pública Municipal; (vi) Direto e Processo Administrativo; e (vii) Direito Penal e Prática Forense Penal.

A UEPG já participou da política de fundação de *campi* avançados, chegando a estar, não exatamente no mesmo período, em seis conjuntos universitários diferentes fora da sede. Nas instalações fora da sede, em face da demanda limitada, têm sido ofertados cursos diversos de forma rotativa, de maneira a não saturar o mercado de trabalho local e regional. Atualmente, somente o *campus* de Telêmaco Borba está ativo.

Outro aspecto da inserção da UEPG, que remete ao contexto estadual e nacional, se dá por meio da Educação a Distância, iniciado com o Curso Normal Superior com Mídias Interativas, integrante do Programa Estadual de Formação de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O aparato tecnológico montado para essa atividade levou à criação, na UEPG, do Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância – NUTEAD, o qual vem se expandindo com a oferta do ensino na modalidade a distância de cursos de Graduação, Pós-graduação e formação continuada de professores, em parceria com o MEC, a Secretaria de Educação Básica – SEB, Universidade Aberta do Brasil – UAB e a Secretaria de Estado da Educação – SEED, e mais recentemente com projetos e atividades extensionistas.

Em 2017, foram ofertadas 2620 vagas, distribuídas em 9 (nove) cursos de graduação a distância: Bacharelado em Administração Pública, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em História, Licenciatura em Letras Português/Espanhol, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Computação, e Tecnólogo em Gestão Pública.



Os cursos de Licenciatura em Computação e de Tecnologia em Gestão Pública tiveram a primeira oferta em 2017. O curso de Tecnologia em Gestão Pública foi criado para atender uma solicitação da SETI, considerando a necessidade de formação em nível superior dos servidores públicos do Estado do Paraná, e cujo projeto foi submetido a Edital de financiamento junto a órgãos de fomento.

A área de abrangência do ensino de graduação a distância espalha-se em todas as regiões o estado do Paraná além dos estados de São Paulo e Santa Catarina.

Os 45 municípios envolvidos atualmente no ensino de Graduação e Pós-Graduação a distância na UAB no Paraná são: Apucarana, Arapongas, Assaí, Astorga, Bandeirantes, Bela Vista do Paraíso, Bituruna, Campo Largo, Cândido de Abreu, Cerro Azul, Colombo, Congonhinhas, Cruzeiro do Oeste, Curitiba, Diamante do Norte, Engenheiro Beltrão, Faxinal, Flor da Serra do Sul, Goioerê, Ibaiti, Ipiranga, Itambé, Ivaiporã, Jacarezinho, Jaguariaíva, Lapa, Laranjeiras do Sul, Nova Santa Rosa, Palmeira, Palmital, Paranaguá, Paranaíba, Pato Branco, Pinhão, Ponta Grossa, Pontal do Paraná, Prudentópolis, Reserva, Rio Negro, São Mateus do Sul, Sarandi, Siqueira Campos, Telêmaco Borba, Ubitatã e Umuarama. Em São Paulo, tem-se mais 4 municípios: Araras, Jaú, São João da Boa Vista e Tarumã, e em Santa Catarina, tem-se o município de Florianópolis.

1.5 Breve Histórico da IES

A Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, localizada na região centro-sul do Estado do Paraná, foi criada pelo Governo do Estado do Paraná, através da Lei nº 6.034, de 06 de novembro de 1969, publicada em 10 de novembro de 1969, e do Decreto nº 18.111, de 28 de janeiro de 1970. Trata-se de uma das mais importantes instituições de Ensino Superior do Paraná, resultante da incorporação das Faculdades Estaduais já existentes e que funcionavam isoladamente. Eram elas: a Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa, criada pelo Decreto Estadual nº 8.837, de 08 de novembro de 1949, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 32.242, de 10 de fevereiro de 1953; a Faculdade Estadual de Farmácia e Odontologia de Ponta Grossa, criada pela Lei nº 921, de 16 de novembro de 1952, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 40.445, de 30 de novembro de 1956, posteriormente desmembrada em Faculdade Estadual de Farmácia e Bioquímica de Ponta Grossa e Faculdade Estadual de Odontologia de Ponta Grossa, através da Lei nº 5.261, de 13 de janeiro de 1966; a Faculdade Estadual de Direito de Ponta Grossa, criada pela Lei nº 2.179, de 04 de agosto de 1954, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 50.355, de 18 de março de 1961; e a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas e Administração de Ponta Grossa, criada pela Lei nº 03, de 12 de janeiro de 1966, e reconhecida pelo Decreto Federal nº 69.697, de 03 de dezembro de 1971.

A personalidade jurídica de cada uma dessas unidades isoladas foi extinta no ato da criação da Universidade sob o regime da Fundação de Direito Público, reconhecida pelo Governo Federal através do Decreto nº 73.269, de 07 de dezembro de 1973 que, simultaneamente, aprovou seu Estatuto, Regimento Geral e Plano de Reestruturação. O início das atividades da UEPG foi assinalado pela posse do professor Álvaro Augusto Cunha Rocha, no cargo de Reitor, e do professor Odeni Villaca Mongruel, no cargo de Vice-Reitor, ambos nomeados pelo Governador na época, Dr. Paulo Cruz Pimentel, conforme Decreto nº 20.056, de 06 de maio de 1970.

A segunda gestão teve início em 1974, quando foram nomeados para o cargo de Reitor o professor Odeni Villaca Mongruel e, para o cargo de Vice-Reitor, o professor Daniel Albach Tavares. A terceira gestão iniciou no dia 28 de março de 1979, com a nomeação do professor Daniel Albach Tavares para o cargo de Reitor e do professor Waldir Silva Capote para o cargo de Vice-reitor.

Pelo Decreto nº 226, de 29 de março de 1983, o Governador José Richa nomeou o professor Ewaldo Podolan para o cargo de Reitor e o professor João Lubczyk para o cargo de Vice-Reitor, dando início à quarta gestão administrativa da Instituição. Os dirigentes da quinta gestão foram os professores João Lubczyk e Lauro Fanchin, respectivamente Reitor e Vice-Reitor da Instituição, nomeados pelo Decreto nº 106, de 19 de março de 1987.



A sexta gestão, constituída dos professores João Carlos Gomes para o cargo de Reitor e Roberto Frederico Merhy para o cargo de Vice-Reitor, foi oficializada por ato do Governador Álvaro Dias, que os nomeou através do Decreto nº 7.691, de 06 de março de 1991.

O professor Roberto Frederico Merhy e a professora Leide Mara Schmidt, que assumiram a Reitoria e a Vice-Reitoria da Instituição, dando início à sétima gestão, foram nomeados para os respectivos cargos pelo Decreto nº 3.828, de 22 de julho de 1994. Ao fim dessa gestão, ouvida a comunidade universitária, os referidos professores foram reconduzidos aos seus cargos, instituindo o primeiro caso de reeleição da Instituição – reeleição esta que foi confirmada pelo Decreto nº 4.725, de 31 de agosto de 1998, sancionado pelo Governador Jaime Lerner. Em 22 de agosto de 2002, nomeados pelo Decreto nº 6.181/2002 do Governador Jaime Lerner, assumiram a Reitoria os professores Paulo Roberto Godoy e Ítalo Sérgio Grande, respectivamente Reitor e Vice-Reitor da UEPG, eleitos em pleito democrático do qual participaram docentes, discentes e funcionários da UEPG.

Em 11 de julho de 2006, nomeados pelo Decreto nº 6.885 pelo Governador Roberto Requião, assumiram a Reitoria os professores João Carlos Gomes, Reitor, e Carlos Luciano Sant'Ana Vargas, Vice-Reitor, escolhidos por meio de consulta à comunidade universitária.

A décima primeira gestão na história da Universidade, também escolhida mediante consulta à comunidade universitária, figura como o segundo caso de reeleição, constituída pelos professores João Carlos Gomes, Reitor, e Carlos Luciano Sant'Ana Vargas, Vice-Reitor, nomeados pelo Decreto nº 7.265, de 01 de junho de 2010, do Governador Orlando Pessuti. Importante registrar que em meados de 2013, o então Governador do Estado, Carlos Alberto Richa, efetua convite ao Reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, professor João Carlos Gomes, para assumir a pasta da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. Pelos Decretos nº 8776, de 21 de agosto de 2013 e Decreto nº 12, de 1º de janeiro de 2015, do Governador Carlos Alberto Richa, o professor João Carlos Gomes é nomeado Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, onde permaneceu até 06 de abril de 2018.

Em conformidade com o Estatuto e Regimento Geral da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em sessão solene e pública do Conselho Universitário, no dia 12 de setembro de 2013, o professor Carlos Luciano Sant'Ana Vargas, é empossado Reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, nomeado pelo Decreto nº 8.775, de 21 de agosto de 2013, em cumprimento ao término de mandato, até 31 de agosto de 2014.

Em 1º de setembro de 2014, mediante consulta à comunidade universitária, dá-se início a décima segunda gestão, na condução dos caminhos da Instituição. Nomeados pelo Decreto nº 11.491, de 02 de julho de 2014, do Governador Carlos Alberto Richa, respectivamente aos cargos de Reitor e Vice-Reitor, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os professores Carlos Luciano Sant'Ana Vargas e Gisele Alves de Sá Quimelli. Em 2018, a então governadora Cida Borghetti nomeou os professores Miguel Sanches Neto e Everson Augusto Krum, para os cargos de reitor e vice-reitor da UEPG, com mandato de 1º de setembro de 2018 a 31 de agosto de 2022, com o Decreto nº 10.436/2018.

Por último, o professor Miguel Sanches Neto foi reeleito para o mandato de reitor durante o período de 1º de setembro de 2022 a 31 de agosto de 2026, tendo como vice o professor Ivo Mottin Demiate, nomeados pelo então governador em exercício Darci Piana, por meio do Decreto 11.321/2022.

A organização didática da Universidade é estruturada em Departamentos que se agrupam em 6 (seis) Setores de Conhecimento. São eles: Setor de Ciências Exatas e Naturais, Setor de Engenharias, Ciências Agrárias e de Tecnologia, Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes e Setor de Ciências Jurídicas. Os Setores de Conhecimento proporcionam, por meio dos Departamentos, o ensino, a pesquisa e a extensão. A organização didático pedagógica da instituição compreende os seguintes cursos:

- cursos de Graduação: Bacharelado e Licenciatura, nas modalidades presencial e a distância, abertos a matrícula de candidatos com ensino médio completo ou curso equivalente, classificado em processo seletivo;



- cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*: compreende cursos de Mestrado e Doutorado, abertos a matrículas de diplomados em curso de Graduação que atendam às exigências legais de cada programa ou curso;

- cursos de Pós-Graduação *lato sensu*: compreende cursos de especialização abertos a matrícula de candidatos diplomados em cursos de Graduação e que atendam às exigências legais de cada programa ou curso;

- cursos de extensão: compreende cursos de atualização e aperfeiçoamento abertos à matrícula de candidatos que satisfaçam os requisitos exigidos em cada caso.

É com base nessa composição de cursos que as diretrizes didático-pedagógicas da UEPG estão sendo desenvolvidas, tendo como referência central as políticas de ensino, pesquisa e extensão definidas no PPI.

Quanto às inovações consideradas significativas na instituição destacam-se as reformulações curriculares dos cursos de Graduação, os Programas de incentivo à docência e a formação continuada de professores, a atuação da comissão das licenciaturas, a autoavaliação dos cursos de Graduação por docentes e acadêmicos, a avaliação dos cursos de Graduação pelos egressos e a certificação dos cursos de Agronomia, Engenharia Civil e Engenharia de Materiais no Sistema de Acreditação de Curso de Graduação no Mercosul – ARCU-SUL, obtendo o selo de qualidade que favorece a internacionalização e a efetivação de convênios entre países do Mercosul e associados. Tem-se também a ampliação de Programas e Projetos de Extensão, a criação de novos cursos de Pós-Graduação na modalidade *stricto sensu*, a ampliação de pesquisas e Grupos de Pesquisa, e os convênios com IES internacionais para mobilidade estudantil.

Em nível de graduação universitária, a UEPG oferta 38 cursos de Graduação na modalidade presencial. Os 25 cursos de Bacharelado são: Administração Matutino, Administração Noturno, Agronomia, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Materiais, Farmácia, Física, Geografia, História, Informática, Jornalismo, Medicina, Odontologia, Química Tecnológica, Serviço Social, Turismo e Zootecnia. Os 13 cursos de Licenciatura ofertados são nas áreas de: Artes Visuais, Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Geografia, Letras Português/Espanhol, Letras Português/Francês, Letras-Português/Inglês, Química, História, Matemática, Música e Pedagogia.

Na modalidade a distância, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil - UAB estão atualmente ofertados os cursos de: Bacharelado em Administração Pública, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Geografia, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Letras Português/Espanhol, Licenciatura em História e Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Computação e Tecnólogo em Gestão Pública.

Além de cursos de Pós-Graduação *lato sensu*, ofertados conforme a demanda, a UEPG na modalidade *stricto sensu* conta com Programas de Pós-Graduação sendo 27 em nível de Mestrado e 10 em nível de Doutorado.

Os 22 cursos de Mestrado ofertados são em: Agronomia; Bioenergia; Biologia Evolutiva; Ciência e Tecnologia de Alimentos; Ciências Biomédicas; Ciências Farmacêuticas; Ciências da Saúde; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências (Física); Computação Aplicada; Economia; Educação; Engenharia e Ciências dos Materiais; Engenharia Sanitária e Ambiental; Ensino de Ciências e Educação Matemática; Gestão do Território; História; Jornalismo; Estudos da Linguagem; Odontologia; Química Aplicada e Zootecnia. Os 5 cursos de mestrado profissional ofertados são: Matemática (Mestrado Profissional em Rede), Ensino de Física, Ensino de História, Educação Inclusiva e Direito

Os 10 Cursos de Doutorado ofertados são em: Agronomia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciências Farmacêuticas, Ciências Sociais e Aplicadas, Ciências (Física), Educação, Engenharia e Ciências de Materiais, Gestão de Território, Odontologia e Química Aplicada.

Com seus *campi* distribuídos por Ponta Grossa e Telêmaco Borba, a UEPG abriga atualmente um contingente de mais de 17 mil pessoas, entre estudantes, professores e



servidores. Soma-se a isso uma infraestrutura que anualmente vem sendo ampliada com vistas às necessidades curriculares dos 6 Setores de Conhecimento da Instituição.

A Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais vem atuando em projetos, serviços, cursos, atividades e Programas de Extensão e de Cultura em diversos municípios paranaenses, abrangendo todas as regiões do Estado, e também participa do Programa RONDON em municípios de outros estados brasileiros.

A UEPG tem atualmente convênio firmado com 37 instituições estrangeiras para desenvolvimento de atividades de intercâmbio de professores e estudantes, de Graduação e Pós-Graduação, em Programas internacionais.

E assim, a Universidade Estadual de Ponta Grossa, alicerçada em atividades de ensino, pesquisa e extensão, caminha a passos longos e largos em busca de uma formação em nível superior de Ensino de qualidade, contribuindo sobremaneira, na formação de pessoas para o desenvolvimento do país.

2. DADOS SOBRE O CURSO

2.1. Nome do Curso: Medicina

2.2. Habilitação / Grau:

Bacharelado Licenciatura Tecnólogo

2.3. Modalidade de Ensino:

Presencial Educação a Distância

2.4. Local de Funcionamento do Curso: Campus universitário de Uvaranas

2.5. Turno de Funcionamento:

Matutino Vespertino Integral Noturno

2.6. Carga Horária do Curso

	Carga Horária
Formação Básica Geral	1.844
Formação Específica Profissional	1.572
Diversificação ou Aprofundamento	162
Estágio Curricular Supervisionado	3.360
Extensão como Componente Curricular	796
Atividades Complementares	200
Carga Horária Total do Curso	7.934

2.7 Tempo de duração do Curso:

Mínimo: 6 anos Máximo: 9 anos

2.8. Ano da Primeira Oferta: 2023

2.9. Atos Legais

Criação: Resolução CA 100, de 23 de abril de 2002 homologada pela Resolução UNIV 6, de 02 de maio de 2002



Reconhecimento: Decreto Estadual 8.116, de 08 de maio de 2013

Renovação de reconhecimento: renovado pelo Decreto Estadual 9.726, de 24 de maio de 2009 publicado no Diário Oficial do Estado 10.197, de 25 de maio de 2018

2.10 Local de Funcionamento e vínculo administrativo do Curso

Campus universitário: Uvaranas

Setor: Ciências Biológicas e da Saúde (SEBISA)

Departamento: Medicina (DEMED)

Contato: 3220-3793 / demed@uepg.br

2.11. Número de Vagas Ofertadas: 40 vagas anuais

2.12. Conceitos do Curso

Conceito ENADE	2016	4
Conceito ENADE	2019	4

2.13 Percentual candidato/vaga Vestibular e Processo Seletivo Seriado (PSS)

ANO	TURNO	VAGAS	Nº DE INSCRIÇÕES			RELAÇÃO CANDIDATO/VAGA		
			Inverno	Verão	PSS	Inverno	Verão	PSS
2019	Integral	40	4588	1923	414	305,867	128,200	41,400
2020	Integral	40	4745		644	158,167		64,400
2021	Integral	40	2526	4255	705	168,400	283,667	70,500

2.14 Dados sobre o Coordenador do Curso

Nome: Marcos Ricardo da Silva Rodrigues
Titulação: Doutorado
Portaria de designação: Portaria R 472/2021
Graduação: Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná
Pós-Graduação: Doutor em Fisiopatologia Clínica e Experimental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pós-Doutor pela <i>Yale University</i> (EUA)
Carga Horária semanal dedicada à coordenação do curso: 12 h
Regime de trabalho do coordenador do curso: 40 h
Tempo de exercício na IES: Admissão em 20/07/2009
Tempo na função de coordenador do curso: 02/08/2021 a 01/08/2023



2.15 Dados sobre o Colegiado de Curso

Membros do Colegiado	Titulação	Regime trabalho	Ato oficial
Marcos Ricardo da Silva Rodrigues	Doutorado	40 h	
Ana Claudia Garabeli Cavalli Kluthcovsky	Doutorado	TIDE	
Ana Paula Ditzel	Mestrado	40 h	
Cesar Roberto Busato	Doutorado	40 h	
Erildo Vicente Müller	Doutorado	TIDE	
Elisangela Gueiber Montes	Doutorado	TIDE	
Gianna Carla Alberti Schrut	Mestrado	40 h	
José Koehler	Mestrado	40 h	
Kátia Sabrina Paludo	Doutorado	TIDE	
Lais Regina Rocha de Carvalho	Mestrado	40 h	
Marcelo Derbli Shafranski	Doutorado	40 h	

2.16 Dados sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE

Membros	Titulação	Regime trabalho	Tempo de exercício no NDE
Marcos Ricardo da Silva Rodrigues	Doutorado	40 h	PORTARIA SETORIAL SEBISA Nº 13/2022
Fabiana Postiglione Mansani	Doutorado	TIDE	
Ana Claudia Garabeli Cavalli Kluthcovsky	Doutorado	TIDE	
Gilberto Luiz Ortolan (<i>in memorian</i>)	Mestrado	40 h	
Elise Souza dos Santos Reis	Doutorado	40 h	

2.17 Dados sobre Discentes Ingressantes e Formados

Ingresso (alunos ingressantes efetivamente matriculados)			Formação (Quantitativo de alunos efetivamente formados)		
Ano de Ingresso	Nº de Vagas ofertadas	Nº de alunos ingressantes	Ano de formação	Nº de alunos concluintes	Relação formados/ingressantes (porcentagem nos últimos 5 anos)
2012	40	40	2017	34	85,00
2013	40	40	2018	38	95,00
2014	40	40	2019	78	195,00
2015	40	39	2020	-	-
2016	40	39	2021	41	105,13
2017	40	40	2022		
2018	40	40			

Para o cálculo da porcentagem, utiliza-se a seguinte fórmula: N° de concluintes x 100 ÷ total de ingressantes



3. PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO PEDAGÓGICO

3.1 Apresentação do curso

O Currículo do Curso de Medicina da UEPG foi aprovado pela Resolução CA Nº 100, de 23 de abril de 2002, o Projeto Pedagógico do Curso foi aprovado pela resolução UNIV. Nº 41, de 17 de dezembro de 2002 e o curso foi reconhecido pelo Decreto MEC Nº8.116 de 08 de maio de 2013. A primeira turma ingressou no ano de 2009 e a atual turma do primeiro ano é a décima terceira. Atualmente o curso conta com 59 docentes, sendo 44 efetivos e 15 colaboradores.

A Medicina tem como objeto de estudo do ser humano na sua integridade biológica, psíquica e social. A formação profissional inicia-se pelo aprendizado de disciplinas básicas, principalmente da área das ciências biológicas, mas também das ciências humanas e das ciências exatas e completa-se no ciclo profissional com as disciplinas específicas da área médica. Desde o início do curso, o graduando se insere na rede de assistência à saúde, por meio da integração entre ensino e serviços de saúde. Ciente de sua responsabilidade social, este clínico hábil deve ser fonte de referência para a população, inserindo-se como coparticipante da busca de melhores condições de saúde para todos. A prática do médico deve basear-se na comunidade levando-se em conta seus inúmeros contextos.

A assistência aprendida unicamente no âmbito do setor saúde, hospitais e ambulatórios, não leva em consideração outros determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, quer seja, alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais. O médico deve buscar e interagir nestes espaços procurando centrar sua prática na boa relação com os pacientes.

As ações proporcionarão o desenvolvimento de atividades interdisciplinares preparando uma futura prática profissional mais integrada com as demais categorias do setor de saúde. Durante todo o curso busca-se integrar o aprendizado de cada disciplina às necessidades, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Conforme o Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Superior, a Resolução Nº 3, de 20 de junho de 2014, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. Para o Curso de Graduação em Medicina, os conteúdos fundamentais devem estar relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade e referenciados na realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em saúde, contemplando:

- conhecimento das bases moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos, aplicados aos problemas de sua prática e na forma como o médico o utiliza;
- compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individual e coletivo, do processo saúde-doença;
- abordagem do processo saúde-doença do indivíduo e da população, em seus múltiplos aspectos de determinação, ocorrência e intervenção;
- compreensão e domínio da propedêutica médica: capacidade de realizar história clínica, exame físico, conhecimento fisiopatológico dos sinais e sintomas, capacidade reflexiva e compreensão ética, psicológica e humanística da relação médico-pessoa sob cuidado;
- diagnóstico, prognóstico e conduta terapêutica nas doenças que acometem o ser humano em todas as fases do ciclo biológico, considerando-se os critérios da prevalência, letalidade, potencial de prevenção e importância pedagógica;
- promoção da saúde e compreensão dos processos fisiológicos dos seres humanos (gestação, nascimento, crescimento e desenvolvimento, envelhecimento e morte), bem como das atividades físicas, desportivas e das relacionadas ao meio social e ambiental;
- abordagem de temas transversais no currículo que envolvam conhecimentos, vivências e



reflexões sistematizadas acerca dos direitos humanos e de pessoas com deficiência, educação ambiental, ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais), educação das relações étnico-raciais e história da cultura afro-brasileira e indígena;

- e compreensão e domínio das novas tecnologias da comunicação para acesso a base remota de dados e domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira, que seja, preferencialmente, uma língua franca.

Ainda de acordo com as DCNs do Curso de Graduação em Medicina, a formação em Medicina incluirá, como etapa integrante da graduação, estágio curricular obrigatório de formação em serviço, em regime de internato, sob supervisão, em serviços próprios, conveniados ou em regime de parcerias estabelecidas por meio de Contrato Organizativo da Ação Pública Ensino-Saúde com as Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde. As atividades do regime de internato serão dedicadas à Atenção Básica (voltadas para a área da Medicina Geral de Família e Comunidade), Serviços de Urgência e Emergência do SUS, Clínica Médica, Cirurgia, Ginecologia- Obstetrícia, Pediatria, Saúde Coletiva e Saúde Mental.

O Estágio Curricular Supervisionado será desenvolvido nas disciplinas de Internato, de conformidade com o respectivo regulamento aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

O Trabalho de Conclusão de Curso é requisito essencial e obrigatório para a realização das disciplinas do Internato e obtenção do diploma, desenvolvido mediante controle, orientação e avaliação docente, por meio da Disciplina Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso – OTCC - e de defesa do Trabalho perante Banca Examinadora, conforme regulamento específico.

O Curso de Medicina da UEPG deve contar com docentes adequadamente capacitados para desenvolver os processos de ensino-aprendizagem em integração com a produção científica decorrente de projetos de pesquisa e de extensão, além da habilitação necessária para o exercício profissional adotando postura crítica, participativa e um comportamento ético, humano e socialmente compromissado

3.2 Justificativa

O curso de Medicina está inserido na região de abrangência da 3ª Regional de Saúde da Secretaria de Estado de Saúde do Paraná, englobando 12 municípios (Arapoti, Carambeí, Castro, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Palmeira, Piraí do Sul, Ponta Grossa, Porto Amazonas, São João do Triunfo e Sengés), em área total de 14.804 km quadrados e população residente estimada de 647.823 habitantes em 2021 (DATASUS, 2022).

No Estado do Paraná, para o ano de 2020, as taxas de mortalidade foram, segundo o Sistema de Informações Sobre Mortalidade: taxa bruta de mortalidade geral de 7,2 óbitos por mil habitantes, mortalidade infantil de 9,3 óbitos por mil nascidos vivos, mortalidade materna de 23,9 óbitos por mil nascidos vivos e a mortalidade para doenças crônicas não transmissíveis entre 30 e 69 anos de 1,6 óbitos por mil habitantes. No âmbito da 3ª RS, para o ano de 2020, as taxas de mortalidade foram, segundo a o Sistema de Informações Sobre Mortalidade: taxa bruta de mortalidade geral de 6,7 óbitos por mil habitantes, mortalidade infantil de 9,3 óbitos por mil nascidos vivos, mortalidade materna de 23,3 óbitos por mil nascidos vivos e a mortalidade para doenças crônicas não transmissíveis entre 30 e 69 anos de 1,5 óbitos por mil habitantes (DATASUS, 2022).

Os 12 municípios da 3ª RS integram diversos consórcios de saúde, tendo como município polo Ponta Grossa, sendo que todos atendem pelo Sistema Único de Saúde por meio de hospitais e centros de atendimento públicos municipais e estaduais e de instituições privadas conveniadas. Além das unidades de atenção primária nos municípios, dos pronto-atendimentos e dos centros de atenção à saúde, o atendimento em saúde é realizado por hospitais de baixa, média e alta complexidade.

A 3ª Regional de Saúde do Estado do Paraná é referência em saúde para 13 municípios dos Campos Gerais, totalizando aproximadamente 750.000 habitantes. Atualmente, é reconhecido o papel relevante que o setor de saúde desempenha nos padrões de vida da



população, o que torna a saúde um dos setores mais importantes na interface com as diversas áreas da economia.

O município de Ponta Grossa está situado na região dos Campos Gerais a 114 quilômetros da capital do Paraná e destaca-se dos demais municípios devido à sua posição geográfica, que fez dele um entreposto comercial, industrial, educacional, hospitalar e cultural. Limita-se ao norte com Castro e Carambeí, ao sul com Palmeira e Teixeira Soares, ao leste com Campo Largo e ao oeste com Tibagi e Ipiranga, com uma área de 2.063.697 km². A cidade, cuja altitude é de 970 metros, foi fundada pelos tropeiros no final do século XVIII. Sua população é formada por descendentes de portugueses, africanos, italianos, alemães, poloneses, russos, ucranianos, sírio- libaneses, entre outros.

Atualmente, Ponta Grossa é a quarta maior cidade do estado do Paraná com aproximadamente 350.000 habitantes, sendo o principal município da Região dos Campos Gerais. Em média, a Região dos Campos Gerais apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,67, inferior à média do Estado do Paraná que é 0,74 e da média brasileira que é 0,76. Porém, devido à localização, a UEPG desenvolve uma forte ação para a inclusão e desenvolvimento regional, nacional e até internacional devido a sua grande proximidade com os países latino-americanos.

No âmbito da saúde, alguns importantes indicadores de saúde já citados para o Paraná e 3ª Regional de Saúde, serão citados para Ponta Grossa. Para o ano de 2020, o município apresentou, segundo o Sistema de Informações Sobre Mortalidade (DATASUS, 2022), taxa bruta de mortalidade geral de 12,1 óbitos por mil habitantes, mortalidade infantil de 9,1 óbitos por mil nascidos vivos, mortalidade materna de 23,6 óbitos por mil nascidos vivos e taxa bruta de mortalidade para doenças crônicas não transmissíveis entre 30 e 69 anos de 2,8 óbitos por mil habitantes.

Neste contexto, o Curso de Medicina, enquanto formador de profissionais de saúde e cidadãos, participa da rede de atenção em saúde da região, visando a melhoria da qualidade de vida e das condições de saúde da população.

3.3 Objetivos

O Curso de Medicina tem como objetivos de estudo o ser humano na sua integralidade. Transmitir ao aluno, ao longo do curso, conhecimentos fundamentais nas diferentes áreas e Competência, segundo as DCNs, Área de Competência de Atenção à Saúde, de Gestão em Saúde e de Educação em Saúde, que o tornem competente para prestar assistência médica de qualidade, para atuar na promoção da saúde, prevenção das doenças e reabilitação dos indivíduos doentes, dentro de princípios éticos, críticos e humanistas, além de estar apto a atuar e intervir na realidade social do país.

3.4 Perfil Profissional do Egresso

O graduado em Medicina, segundo as DCNs, deverá ter formação geral, humanista, crítica, reflexiva e ética, com capacidade para atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, nos âmbitos individual e coletivo, com responsabilidade social e compromisso com a defesa da cidadania, da dignidade humana, da saúde integral do ser humano e tendo como transversalidade em sua prática, sempre, a determinação social do processo de saúde e doença. Devido à necessidade de articulação entre conhecimentos, habilidades e atitudes requeridas do egresso, para o futuro exercício profissional do médico, a sua formação desdobrar-se-á nas áreas de Atenção à Saúde, Gestão em Saúde e Educação em Saúde. Para tanto, as iniciativas e ações esperadas do egresso, serão agrupadas nas respectivas Áreas de Competência.

3.5 Campos de Atuação

Considerando as DCNs, a competência é compreendida como a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes, com utilização dos recursos disponíveis, e exprimindo-se em iniciativas e ações que traduzem desempenhos capazes de solucionar, com pertinência,



oportunidade e sucesso, os desafios que se apresentam à prática profissional, em diferentes contextos do trabalho em saúde, traduzindo a excelência da prática médica, prioritariamente nos cenários do Sistema Único de Saúde (SUS). A Área de Competência de Atenção à Saúde estrutura-se em duas subáreas: Atenção às Necessidades Individuais de Saúde, composta por duas ações-chaves (Identificação de Necessidades de Saúde; e Desenvolvimento e Avaliação de Planos Terapêuticos) e a Atenção às Necessidades de Saúde Coletiva, também com duas ações-chave (Investigação de Problemas de Saúde Coletiva; e Desenvolvimento e Avaliação de Projetos de Intervenção Coletiva). A Área de Competência de Gestão em Saúde estrutura-se em duas ações-chave, a Organização do Trabalho em Saúde e o Acompanhamento e Avaliação do Trabalho em Saúde. Já a Área de Competência de Educação em Saúde estrutura-se em três ações-chave, a Identificação de Necessidades de Aprendizagem Individual e Coletiva, a Promoção da Construção e Socialização do Conhecimento e a Promoção do Pensamento Científico e Crítico e Apoio à Produção de Novos Conhecimentos.

3.6 Integração Graduação e Pós-Graduação

A integração da Graduação com a Pós-Graduação se dá pela docência, atividades de pesquisa, extensão, pela orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso, Pós-Graduação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde e Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas) e Programas de Residência Médica desenvolvidos no Hospital Universitário Regional dos Campos Gerais (Anestesiologia, Cirurgia Geral, Cirurgia Vascular, Clínica Médica, Endoscopia Digestiva, Ginecologia e Obstetrícia, Medicina Intensiva, Neurologia, Ortopedia e Traumatologia, Otorrinolaringologia, Pediatria e Radiologia e Diagnóstico por Imagem). Vários docentes do Curso de Medicina desenvolvem atividades em projetos de extensão e pesquisa, com a participação ativa dos alunos desde o primeiro ano do curso e também participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Programa Institucional de Bolsas por Cotas e Iniciação Científica Junior (Bolsas para o ensino médio) do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da Fundação Araucária. Além disso, nove docentes do curso de graduação em Medicina são docentes do Mestrado em Ciências da Saúde da UEPG (Área de Concentração: Atenção Interdisciplinar em Saúde).

3.7. Mobilidade Acadêmica e Internacionalização

Com vistas a efetivar as ações de internacionalização da comunidade acadêmica da UEPG, foi criado o Escritório de Relações Internacionais (ERI) no ano 1995, por meio da Resolução CA no. 320 de 27/10/1995, tendo seu regimento aprovado na Resolução UNIV. no. 22 de 10/08/2015.

No tocante à acolhida de alunos internacionais, as ações institucionais são regulamentadas pelo Programa de Mobilidade Estudantil Internacional (PROMEI), regido atualmente pela Resolução CEPE no. 54 de 16/12/2014. Esse Programa tem sido continuamente aprimorado, como pode ser atestado pelos seguintes documentos: Resolução CA no. 320 de 27/10/1995; Resolução CEPE no. 11 de 13/07/1999; Resolução CEPE no. 22 de 20/04/2011; Resolução CEPE no. 78 de 29/11/2011; Resolução CEPE no. 43 de 04/11/2014; Resolução CEPE no. 54 de 16/12/2014. Esses documentos corroboram o entendimento da UEPG sobre a importância do bom acolhimento a discentes, docentes e pesquisadores internacionais e o apoio e a atenção das administrações superiores da UEPG voltadas para a internacionalização.

A fim de melhor acolher discentes estrangeiros, a UEPG também participa do Programa de Internacionalização das Universidades Estaduais - Projeto Estratégico da UGF – Fundo Paraná. Fomentado pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) do Governo do Paraná, esse Programa está em seu terceiro ano de vigência, tendo sido renovado no mês de março de 2021 por mais dois anos. O referido Programa tem como foco principal fortalecer os escritórios de relações internacionais das IEs estaduais por meio de recursos financeiros para a contratação de bolsista profissional graduado com carga horária de 40hs semanais.

Com vistas a acolher discentes internacionais, fomentar a competência intercultural dos discentes da UEPG e capacitá-los para ações de internacionalização, a UEPG participa do



Programa *English as a Medium of Instruction* (EMI) juntamente com as seis (6) IEs paranaenses. Realizado em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e iniciado em fevereiro de 2019, o Programa EMI busca capacitar o corpo docente das referidas IEs para o oferecimento de disciplinas em língua inglesa.

Desde que o Curso de Medicina foi implantado na UEPG diversos alunos da graduação tiveram oportunidade de realizar intercâmbio em universidades de outros países, através do Programa Ciências Sem Fronteiras e do IFMSA (Federação Internacional das Associações dos Estudantes de Medicina do Brasil). Dessa forma, foi possível investir na formação pessoal e troca de conhecimento, pela presença de estudantes em instituições de ensino e pesquisa no exterior.

3.8 Extensão como componente curricular

As atividades de extensão serão realizadas durante o curso de graduação em Medicina, mediante mecanismos de aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo estudante, por meio de atividades de extensão, conforme carga horária estabelecida pela Resolução CNE/CES 7/2018 e Resolução CEPE Nº 2020.6 da UEPG. A curricularização da extensão será realizada através de atividades previstas nas disciplinas, conforme descrição abaixo. Além disso, o Curso de Medicina conta com 15 projetos de extensão em consecução (referência julho de 2022). Assim, os alunos do curso poderão participar desenvolvendo atividades nesses projetos de extensão, com possibilidade de creditação, bem como em atividades de extensão externas ao DEMED, desde que não haja sobreposição das atividades mencionadas anteriormente junto às disciplinas.

Disciplinas de Formação Básica Geral						
ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Patologia	307	Anatomia Patológica	3	Anual	28 (19,4%)	144
Trabalho de Conclusão de Curso	307	Disciplina Integradora II	2	Anual	36 (50%)	72

Disciplinas de Formação Específica Profissional						
ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica I	4	Anual	36 (33,3%)	108
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clinica Cirúrgica II	4	1º/2º	18 (33,3%)	54
Clínica Médica	307	Clínica Médica I	3	Anual	124 (68,9%)	180
Clínica Médica	307	Clínica Médica II	4	Anual	124 (68,9%)	180
Clínica Médica	307	Dermatologia	4	1º/2º	36 (66,7%)	54
Tocoginecologia	307	Ginecologia e Obstetrícia	4	Anual	98 (68,1%)	144
Pediatria	307	Neonatologia	4	1º/2º		54
Clínica Médica	307	Oncologia	4	1º/2º	6 (11,1%)	54
Cirurgia e Anestesiologia	307	Ortopedia e Traumatologia	4	1º/2º	36(66,7%)	54
Saúde Pública	310	Práticas de Saúde II – Práticas em Saúde Coletiva	2	Anual	20 (18,5%)	108
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde III	3	Anual	72 (66,7%)	108



Saúde Pública	307	Práticas de Saúde IV	4	Anual	72 (66,7%)	108
Saúde Mental e Psiquiatria	307	Psiquiatria	3	1º/2º	36 (66,7%)	54
Clínica Médica	307	Neurologia	4	1º e 2º	36 (66,7%)	54
Saúde Mental e Psiquiatria	307	Psicologia	3	1º/2º	18 (33,3%)	54

3.9. Flexibilização Curricular

O Curso de Medicina oferece as seguintes disciplinas de diversificação e aprofundamento: Processos e Práticas na Educação em Saúde; Saúde, Ambiente e Desenvolvimento; Endoscopia Diagnóstica e Terapêutica; Medicina Legal; Biologia Molecular; Cirurgia Vascular Periférica; Fisiologia do Exercício e Medicina Esportiva; Imunologia Clínica; Emergências Médicas; Anestesiologia; Gerontologia; Epidemiologia Aplicada à Clínica; Empreendedorismo e Gestão de Serviços de Saúde; Morte e Cuidados Paliativos; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Cada uma dessas disciplinas tem carga horária de 54 horas (exceto Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS). Os estudantes poderão optar dentre essas disciplinas, e escolher no mínimo três, perfazendo um total de 162 horas.

As disciplinas de diversificação e aprofundamento poderão ser ofertadas na modalidade à distância, bem como na modalidade presencial, desde que aprovado no Colegiado de Curso de Medicina.

3.10 Atendimento aos Temas Transversais

Os temas transversais (meio ambiente; direitos humanos; Libras; diversidade, gênero e relações étnico-raciais) serão desenvolvidas ao longo de todo o Curso de Medicina, pelas seguintes disciplinas: Cidadania e Sociedade; Saúde, Ambiente e Desenvolvimento; Bioética; Psicologia; Psiquiatria; Medicina Legal; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Morte e Cuidados Paliativos e Gerontologia.

Quanto a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), temos o decreto n.5626 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. A Deliberação CEE/PR n.02/2015, Normas Estaduais para a educação em direitos humanos e Deliberação CEE/PR n.04/2013, Normas estaduais para a educação ambiental, Resolução CEPE nº 15 de 15 de abril de 2014 que aprova Resolução pertinente à inclusão da disciplina de libras para os cursos de graduação bacharelado em vigor e a obrigatoriedade de conteúdos sobre educação ambiental a todos os cursos de graduação vigentes na UEPG. Deliberação Nº 02 de março de 2015 do Conselho Estadual de Educação/PR que dispõe sobre as normas Estaduais para a educação em direitos humanos no sistema Estadual de Ensino do Paraná.

4 AVALIAÇÃO

4.1. Avaliação do Curso

O Curso de Medicina teve os resultados de desempenho de seus alunos apresentados no relatório do ENADE 2016 (conceito 4) e ENADE 2019 (conceito 4).

4.2. Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar aprovado pela Instituição

O sistema de avaliação do rendimento escolar, que foi aprovado pela UEPG, prevê que o(a) estudante do curso de graduação deve obter domínio adequado das competências exigidas, que consistem na verificação da aprendizagem, que deve atingir média igual ou maior a 7,0 (sete) e apuração mínima da frequência, de 75% da carga horária da disciplina. O estudante que obtiver média menor de 7,0 (sete) em determinada disciplina, deverá se submeter a uma prova de exame final, tendo a necessidade de atingir a média igual ou maior a 5,0 (cinco) para ser aprovado, conforme Resolução CEPE 211/2007, Res. Univ.023/2016 e Ordem Serviço



PROGRAD 46/1999. Os(as) estudantes que confirmaram suas matrículas a partir de 22/06/2017 devem obter a nota 6,0 (seis) no exame final, conforme Res. Univ. 012/2017.

5. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

5.1. Disciplinas Integrantes do Currículo Pleno

As disciplinas integrantes do currículo pleno foram definidas a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014.

5.2. Disciplinas de Formação Básica Geral

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Parasitologia	303	Parasitologia	2	1º	0	72
Estatística	304	Bioestatística	1	2º	0	54
Química e Bioquímica	305	Bioquímica	1	Anual	0	108
Microbiologia e Imunologia	305	Imunologia	2	Anual	0	72
Microbiologia e Imunologia	305	Microbiologia	2	Anual	0	72
Saúde Pública	310	Epidemiologia	2	Anual	0	72
Anatomia e Fisiologia Humana	307	Anatomia	1	Anual	0	252
Patologia	307	Anatomia Patológica	3	Anual	28 (19,4%)	144
Medicina Legal	307	Bioética	3	Anual	0	72
Física e Biofísica	307	Biofísica Médica	1	2º	0	54
Trabalho de Conclusão de Curso	307	Disciplina Integradora I	1	Anual	0	72
Trabalho de Conclusão de Curso	307	Disciplina Integradora II	2	Anual	36 (50%)	72
Trabalho de Conclusão de Curso	307	Disciplina Integradora III	3	Anual	0	72
Anatomia e Fisiologia Humana	307	Fisiologia Médica	2	Anual	0	144
Métodos e Técnicas de Pesquisa	307	Metodologia Científica	1	1º	0	54
Anatomia e Fisiologia Humana	307	Fundamentos da Neurociência	2	1º/2º	0	54
Patologia	307	Patologia Geral	2	Anual	0	72
Farmacologia	307	Terapêutica Médica	2	Anual	0	108
Biologia Estrutural	308	Biologia Celular	1	1º	0	54
Histologia	308	Embriologia Humana	1	2º	0	54
Genética	308	Genética	3	2º	0	54



Histologia	308	Histologia Humana	1	Anual	0	72
Educação	501	Cidadania e Sociedade	4	1º/2º	0	54
Total da Carga Horária						1.908

*Área de conhecimento ou núcleos temáticos ou eixos curriculares. Verificar DCNs.

5.3 Disciplinas de Formação Específica Profissional

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Semiologia	309	Semiotécnica	1	Anual	0	72
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica I	4	Anual	36 (33,3%)	108
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica II	4	1º/2º	18 (33,3%)	54
Clínica Médica	307	Clínica Médica I	3	Anual	124 (68,9%)	180
Clínica Médica	307	Clínica Médica II	4	Anual	124 (68,9%)	180
Clínica Médica	307	Dermatologia	4	1º/2º	36 (66,7%)	54
Semiologia	307	Diagnóstico por Imagem	3	1º/2º	0	54
Métodos e Técnicas de Pesquisa	307	Disciplina Integradora I V	4	1º	0	36
Clínica Médica	307	Doenças Infecciosas e Parasitárias	3	Anual	0	108
Tocoginecologia	307	Ginecologia e Obstetrícia	4	Anual	98 (68,1%)	144
Pediatria	307	Neonatologia	4	1º/2º	0	54
Clínica Médica	307	Oncologia	4	1º/2º	6 (11,1%)	54
Clínica Médica	307	Oncologia	4	1º/2º	6 (11,1%)	54
Cirurgia e Anestesiologia	307	Ortopedia e Traumatologia	4	1º/2º	36 (66,7%)	54
Pediatria	307	Pediatria Clínica e Cirúrgica	4	Anual	0	144
Pediatria	307	Pediatria Social	4	1º/2º	0	54
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde I	1	Anual	0	108
Saúde Pública	310	Práticas de Saúde II – Práticas em Saúde Coletiva	2	Anual	20 (18,5%)	108
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde III	3	Anual	72 (66,7%)	108
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde IV	4	Anual	72 (66,7%)	108
Saúde Mental e Psiquiatria	307	Psiquiatria	3	1º/2º	36 (66,7%)	54
Semiologia	307	Semiologia e Propedêutica I	1	2º	0	72
Semiologia	307	Semiologia e Propedêutica II	2	Anual	0	144
Clínica Médica	307	Neurologia	4	1º e 2º	36 (66,7%)	54
Cirurgia e Anestesiologia	307	Técnica Operatória e Cirurgia Experimental	3	Anual	0	108
Saúde Mental e Psiquiatria	307	Psicologia	3	1º/2º	18 (33,3%)	54
Trabalho de Conclusão de Curso	307	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso - OTCC	4	2º	0	36
TOTAL						2.304



*Área de conhecimento ou núcleos temáticos ou eixos curriculares. Verificar DCNs.

5.4. Disciplinas de Diversificação e Aprofundamento

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Saúde Pública	309	Processos e Práticas na Educação em Saúde	3ª	1º/2º	0	54
Saúde Pública	309	Saúde, Ambiente e Desenvolvimento	3ª	1º/2º	0	54
Saúde Pública	310	Epidemiologia Aplicada à Clínica	3ª	1º/2º	0	54
Saúde Pública	310	Empreendedorismo e Gestão de Serviços de Saúde	4ª	1º/2º	0	54
Clínica Médica e Cirúrgica	307	Endoscopia Digestiva Diagnóstica e Terapêutica	3ª	1º/2º	0	54
Cirurgia e Anestesiologia	307	Anestesiologia	4ª	1º/2º	0	54
Medicina Legal	307	Medicina Legal	4ª	1º/2º	0	54
Biologia Estrutural	307	Biologia Molecular	2ª	1º/2º	0	54
Cirurgia e Anestesiologia	307	Cirurgia Vascul ar Periférica	4ª	1º/2º	0	54
Clínica Médica e Cirúrgica	307	Fisiologia do Exercício e Medicina Esportiva	2ª	1º/2º	0	54
Clínica Médica	307	Imunologia Clínica	2ª	1º/2º	0	54
Clínica Médica e Cirúrgica	307	Emergências Médicas	4ª	1º/2º	0	54
Clínica Médica	307	Morte e Cuidados Paliativos	3ª	1º/2º	0	54
Clínica Médica	307	Gerontologia	3ª	1º/2º	0	54
Educação	510	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	2ª	1º/2º	0	51
Total						162

Obs.: O acadêmico deverá escolher do rol das Disciplinas de Diversificação ou Aprofundamento no mínimo 03 (três) disciplinas num total de 162 (cento e sessenta e duas) horas, conforme especificação no fluxograma. As disciplinas de diversificação e aprofundamento poderão ser ofertadas na modalidade à distância, bem como na modalidade presencial, desde que aprovado no Colegiado de Curso de Medicina e não ultrapasse 20% da carga horária total do curso, de acordo com art. 19, Res. UNIV 11/2017.

*Área de conhecimento ou núcleos temáticos ou eixos curriculares. Verificar DCNs

5.5. Estágio Curricular Supervisionado

O Estágio Curricular Supervisionado será desenvolvido nas disciplinas de Internato, em conformidade com a RESOLUÇÃO Nº 3, DE 20 DE JUNHO DE 2014, que institui as Diretrizes



Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e com a RESOLUÇÃO CEPE Nº 011, DE 24 DE MAIO DE 2016.

5.5.1. Carga Horária

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	CH
Saúde Pública	307	Internato em Saúde da Família I	5ª	Trimestral	420
Saúde Pública	307	Internato em Saúde da Família II	5ª	Trimestral	420
Clínica Médica	307	Internato em Urgência e Emergência Clínica	5ª	Trimestral	420
Cirurgia e Anestesiologia	307	Internato em Urgência e Emergência Cirúrgica	5ª	Trimestral	420
Clínica Médica	307	Internato em Clínica Médica	6ª	Trimestral	420
Cirurgia e Anestesiologia	307	Internato em Clínica Cirúrgica	6ª	Trimestral	420
Pediatria	307	Internato em Pediatria	6ª	Trimestral	420
Tocoginecologia	307	Internato em Ginecologia e Obstetrícia	6ª	Trimestral	420
Total					3.360

* Inclui atividades nas áreas de Saúde Coletiva (carga horária de 144 horas) e Saúde Mental (carga horária de 72 horas).

5.5.2. Modalidade

DISCIPLINA DE ESTÁGIO	CARGA HORÁRIA		ORIENTAÇÃO		
	Teórica	Prática	DIRETA	SEMI-DIRETA	INDIRETA
Internato em Saúde da Família I	42	378	x		
Internato em Saúde da Família II	42	378	x		
Internato em Urgência e Emergência Clínica	42	378	x		
Internato em Urgência e Emergência Cirúrgica	42	378	x		
Internato em Clínica Médica	42	378	x		
Internato em Clínica Cirúrgica	42	378	x		
Internato em Pediatria	42	378	x		
Internato em Ginecologia e Obstetrícia	42	378	x		

5.5.3. Carga Horária de Supervisão de Estágio

ANO	CURRÍCULO VIGENTE	NOVO CURRÍCULO
2023	3.360	3.360



5.6. Disciplinas com aulas práticas, experimentais e/ou laboratoriais

GRUPO	CÓDIGO	Disciplina	CH TOTAL	CH TEÓRICA	CH PRÁTICA	Carga Horária Semanal		
						Teóricas	Práticas	Total
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde I	108	36	72	1	2	3
Biologia Estrutural	308	Biologia Celular	54	36	18	2	1	3
Histologia	308	Histologia Humana	72	36	36	1	1	2
Histologia	308	Embriologia Humana	54	36	18	2	1	3
Química e Bioquímica	305	Bioquímica	108	72	36	2	1	3
Física e Biofísica	307	Biofísica Médica	54	18	36	1	2	3
Anatomia e Fisiologia Humana	307	Anatomia	252	36	216	1	6	7
Semiologia	307	Semiologia e Propedêutica I	72	36	36	1	1	2
Semiologia	309	Semiotécnica	72	36	36	1	1	2
Saúde Pública	310	Práticas de Saúde II – Práticas em Saúde Coletiva	108	36	72	1	2	3
Microbiologia e Imunologia	305	Microbiologia	72	36	36	1	1	2
Microbiologia e Imunologia	305	Imunologia	72	36	36	1	1	2
Anatomia e Fisiologia Humana	307	Fisiologia Médica	144	72	72	2	2	4
Anatomia e Fisiologia Humana	307	Fundamentos da Neurociência	54	36	18	2	1	3
Patologia	307	Patologia Geral	72	36	36	1	1	2
Semiologia	307	Semiologia e Propedêutica II	144	72	72	2	2	4
Parasitologia	303	Parasitologia	72	36	36	2	2	4
Educação	510	Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	51	26	25	26	25	51
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde III	108	36	72	1	2	3
Patologia	307	Anatomia Patológica	144	72	72	2	2	4
Cirurgia e Anestesiologia	307	Técnica Operatória e Cirurgia Experimental	108	36	72	1	2	3
Semiologia	307	Diagnóstico por Imagem	54	18	36	1	2	3
Clínica Médica	307	Doenças Infecciosas e Parasitárias	108	36	72	1	2	3
Clínica Médica	307	Clínica Médica I	180	36	144	1	4	5
Saúde mental e Psiquiatria	307	Psiquiatria	54	18	36	1	2	3
Saúde mental e Psiquiatria	307	Psicologia	54	18	36	1	2	3
Genética	308	Genética	54	36	18	2	1	3
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde IV	108	36	72	1	2	3
Tocoginecologia	307	Ginecologia e Obstetrícia	144	72	72	2	2	4
Pediatria	307	Pediatria Clínica e Cirúrgica	144	72	72	2	2	4
Cirurgia e Anestesiologia	307	Ortopedia e Traumatologia	54	18	36	1	2	3
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica I	108	36	72	1	2	3
Pediatria	307	Neonatologia	54	18	36	1	2	3
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica II	54	36	18	2	1	3
Clínica Médica	307	Clínica Médica II	180	36	144	1	4	5
Clínica Médica	307	Dermatologia	54	18	36	1	2	3
Pediatria	307	Pediatria Social	54	18	36	1	2	3
Clínica Médica	307	Oncologia	54	18	36	1	2	3
Clínica Médica	307	Neurologia	54	18	36	1	2	3

*Com base no número de vagas do vestibular

** Carga Horária Prática x Número de Turmas



5.7. Extensão como componente curricular

5.7.1. Disciplinas

ÁREA DE CONHECIMENTO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	%Ext	CH
Patologia	307	Anatomia Patológica	3	Anual	28 (19,4%)	144
Trabalho de Conclusão de Curso	307	Disciplina Integradora II	2	Anual	36 (50%)	72
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica I	4	Anual	36 (33,3%)	108
Cirurgia e Anestesiologia	307	Clínica Cirúrgica II	4	1º/2º	18 (33,3%)	54
Clínica Médica	307	Clínica Médica I	3	Anual	124 (68,9%)	180
Clínica Médica	307	Clínica Médica II	4	Anual	124 (68,9%)	180
Clínica Médica	307	Dermatologia	4	1º/2º	36 (66,7%)	54
Tocoginecologia	307	Ginecologia e Obstetrícia	4	Anual	98 (68,1%)	144
Clínica Médica	307	Oncologia	4	1º/2º	6 (11,1%)	54
Cirurgia e Anestesiologia	307	Ortopedia e Traumatologia	4	1º/2º	36 (66,7%)	54
Saúde Pública	310	Práticas de Saúde II – Práticas em Saúde Coletiva	2	Anual	20 (18,5%)	108
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde III	3	Anual	72 (66,7%)	108
Saúde Pública	307	Práticas de Saúde IV	4	Anual	72 (66,7%)	108
Saúde Mental e Psiquiatria	307	Psiquiatria	3	1º/2º	36 (66,7%)	54
Clínica Médica	307	Neurologia	4	1º e 2º	36 (66,7%)	54
Saúde Mental e Psiquiatria	307	Psicologia	3	1º/2º	18 (33,3%)	54

5.7.2 Outras atividades curriculares de Extensão

CARGA HORÁRIA EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO DIVERSAS (NÃO CODIFICADAS NO CURSO)	0
CARGA HORÁRIA TOTAL DA EXTENSÃO	796
PORCENTAGEM DE CH DE EXTENSÃO EM RELAÇÃO À CH TOTAL DO CURSO	10,03 (%)*

* Mínimo de 10% da CH Total do Curso conforme Res. CNE/CES 7/2018



5.8. Disciplinas na modalidade de educação a distância

5.8.1. Disciplinas

GRUPO	CÓDIGO	DISCIPLINA	SÉRIE	SEMESTRE	% Ext	CH
Educação	501	Cidadania e Sociedade	4	1º/2º	0	54

*As disciplinas de diversificação poderão ser ofertadas em formato ead, desde que não ultrapasse 20% da carga horária total do curso

5.8.2. Carga Horária

CARGA HORÁRIA TOTAL EAD	54
PORCENTAGEM DE CARGA HORÁRIA EAD EM RELAÇÃO À CH TOTAL DO CURSO*	0,68 (%)*

*máximo de 20% em relação à CH Total do curso (cf. art. 19, Res. UNIV 11/2017)

5.9. Atividades Complementares ou Acadêmico-Científico- Culturais

As atividades complementares deverão realizadas durante todo o curso de graduação em Medicina, mediante mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, por meio de estudos e práticas independentes presenciais e/ou à distância.

O acadêmico deverá perfazer um mínimo de 200 (duzentas) horas em atividades complementares ou acadêmico-científico-culturais, compreendendo: monitorias, estágios voluntários, programas de iniciação científica, participação em projetos de pesquisa e extensão, disciplinas eletivas, cursos realizados em áreas afins, disciplinas de cursos sequenciais correlatas à área de formação, participação em eventos científicos, projetos e/ou programas oficiais de caráter artístico, científico, político, cultural e comunitário; produções científicas, culturais e artísticas; disciplinas e/ou atividades desenvolvidas em programas de mobilidade acadêmica e outras atividades, atendendo as especificidades do perfil profissional desejado para a formação acadêmica.

5.10. Organização do Trabalho de Conclusão De Curso

O Trabalho de Conclusão de Curso é requisito essencial e obrigatório para obtenção do diploma, desenvolvido mediante controle, orientação e avaliação docente, por meio da Disciplina Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso - OTCC e de Defesa do Trabalho perante Banca Examinadora, conforme regulamento específico. A aprovação na Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso é pré-requisito para matrícula nas disciplinas do Internato Médico. O aluno terá 36 horas de orientação individual do Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvidas durante o segundo semestre do 4º ano letivo.

5.11.1. Carga Horária Supervisão do TCC

ANO	CURRÍCULO VIGENTE	NOVO CURRÍCULO
2023	1440	1440



6. Atendimento a Legislações Específicas

Legislação	Disciplina	Carga Horária
Resolução CNE/CES nº 7 de 2018 Resolução CEPE 6/2020	Anatomia Patológica	28
	Disciplina Integradora II	36
	Clínica Cirúrgica I	36
	Clinica Cirúrgica II	18
	Clínica Médica I	124
	Clínica Médica II	124
	Clínica Médica II	124
	Dermatologia	36
	Ginecologia e Obstetrícia	98
	Oncologia	6
	Ortopedia e Traumatologia	36
	Práticas de Saúde II – Práticas em Saúde Coletiva	20
	Práticas de Saúde III	72
	Práticas de Saúde IV	72
	Psiquiatria	36
Neurologia	36	
Psicologia	18	
Decreto nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005	Libras (Bacharelado - EAD)	51

Em cumprimento à RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 3 DE NOVEMBRO DE 2022, que altera os Arts. 6º, 12 e 23 da Resolução CNE/CES nº 3/2014, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina, o curso de Medicina contempla conhecimentos, competências e habilidades da assistência ao paciente em cuidados paliativos nas disciplinas de Oncologia, Psicologia, Bioética e na disciplina de Diversificação e Aprofundamento Morte e Cuidados Paliativos.

7. EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PARASITOLOGIA

Considerações sobre parasitismo. Relação parasita/hospedeiro e influência ambiental. Protozoários, plathelminthes, nemathelminthes, artrópodes: morfobiologia, transmissão, patogenia e sintomatologia das principais doenças parasitárias que acometem o homem. Distribuição geográfica e aspectos epidemiológicos. Medidas preventivas, diagnósticas e terapêuticas. Introdução ao estudo dos animais peçonhentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AMATO NETO, V. Parasitologia: uma abordagem clínica. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier Brasil, 2008.

CIMERMAN, B. Atlas de parasitologia: artrópodes, protozoários e helmintos. 1.ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

CIMERMAN, B. Parasitologia humana e seus fundamentos gerais. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

COURA, J.R. Dinâmica das doenças infecciosas e parasitárias. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2. ed. 2013.

DE CARLI, G.A. Parasitologia clínica. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 2008.



- NEVES, D. P. Parasitologia humana. 12.ed. São Paulo: Atheneu, 2012. NEVES, D. P. Parasitologia humana. 13.ed. São Paulo: Atheneu, 2016.
- REY, L. Bases da parasitologia médica. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
- REY, L. Parasitologia: parasitos e doenças parasitárias do homem nos trópicos ocidentais. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.
- ZAMAN, V. Atlas color de parasitologia clínica. 2.ed. Buenos Aires: Médica Panamericana, 1994.

BIOESTATÍSTICA

Estatística descritiva. Noções de probabilidade. Principais modelos discretos e contínuos. Ajustamento de modelos probabilísticos. Noções de amostragem e estimação de parâmetros. Noções de testes de hipóteses: testes de associação entre variáveis, testes paramétricos e não paramétricos. Análise de variância: classificação simples. Correlação e regressão linear. Noções sobre experimentos e levantamentos. Exemplos de aplicações em ciências biológicas e da saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BERQUO, E.; GOTLIEB, S.; SOUZA, J. Bioestatística. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2003.
- CALLEGARI, J. S. Bioestatística: Princípios e Aplicações. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- CRESPO, A. A. Estatística Fácil. São Paulo: Saraiva, 2002.
- DORA FILHO, U. Introdução a Bioestatística para Simples Mortais. São Paulo: Elsevier Negócios, 2003.
- DOWING, D. Estatística Aplicada. São Paulo: Saraiva, 2002.
- MATSON, E. Elementos Básicos da Estatística Aplicada. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- MORETTIN, L.G. Estatística Básica: Probabilidade. São Paulo: Markon Books, 2002.
- SPIEGEL, M. Probabilidade e Estatística. São Paulo: Atlas, 2002.
- TRIOLA, M. F. Introdução a Estatística. Rio de Janeiro: LTC, 2004. VIEIRA, S. Introdução à Bioestatística. Rio de Janeiro: Campus, 2005

BIOQUÍMICA

Introdução ao curso de Bioquímica. Componentes da célula. Carboidratos. Aminoácidos e Peptídeos. Proteínas: estrutura e função. Bases bioquímicas da nutrição. Proteínas: purificação e caracterização. Enzimas. Hemoglobina. Nucleotídeos, Vitaminas e Coenzimas. Oxidações Biológicas e Radicais Livres. Cadeia respiratória. Glicólise Aeróbica e Ciclo de Krebs. Neoglicogênese. Metabolismo de glicogênese. Estrutura, Digestão e transporte de Lipídeos. Corpos cetônicos e Beta oxidação. Síntese de ácidos graxos. Colesterol LDL-c e HDL-c. Membranas plasmáticas. Aminoácidos. Metabolismo de aminoácidos. Metabolismo da hemoglobina. Metabolismo de bases nitrogenadas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- NELSON, David L.; COX, Michael; LEHNINGER, Albert Lester. Lehninger: princípios da bioquímica. 4. ed. - 2006. São Paulo: Sarvier.
- STRYER, Lubert; BERG, Jeremy M.; TYMOCZKO, John L. Bioquímica. 5ª ed. - 2008. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan.
- DEVLIN. Thomas M.. Manual de bioquímica: com correlações clínicas. 6ª ed. - 2007. São Paulo: Edgard Blucher.
- CHAMPE e cols. (PAMELA C. CHAMPE, RICHARD A. HARVEY & DENISE R. FERRIER) - Bioquímica Ilustrada - 3ª ed. - 2006 - Artmed Editora S.A.; ou a 4ª Ed. BAYNES J. - Bioquímica Médica – 2ª ed. - 2007 - Rio de Janeiro - Ed. Elsevier.
- PRATT C.W. - Bioquímica Essencial Charlotte – Rio de Janeiro - Guanabara Koogan, 2006.
- MARKS, Allan D.; SMITH, Colleen.; LIEBERMAN, Michael - Bioquímica Médica Básica de Marks – Uma Abordagem Clínica



MONTGOMERY, R.; CONIVAY, T. W.; SPECTOR, A. A. Bioquímica: Uma abordagem dirigida por casos. 5.ed. – 1994. São Paulo: Artes Médicas.

MARZOCCO, Anita e TORRES, Bayardo Baptista – Bioquímica Básica - 3a Ed, - 2007. Editora Guanabara Koogan S.A.

MURRAY, GRANNER, MAYES, RODWELL - Harper - Bioquímica Ilustrada - Editora Atheneu São Paulo - 26ª ed.

IMUNOLOGIA

Conhecimento básico da estrutura e funcionamento do sistema imune. Interação dos conhecimentos básicos com os mecanismos efetores da resposta imune, levando a uma melhor compreensão da patogênese. Estudo da resposta imune dos hospedeiros às infecções por bactérias, vírus, fungos e parasitas. Estudo dos métodos de desenvolvimento de imunidade, rejeição e dos desequilíbrios dos sistemas imune que condicionam as doenças auto-imunes, tumores e as deficiências imunológicas. Noções sobre as reações antígeno e anticorpo in vitro. Conhecer os conceitos básicos de Imunologia. Adquirir os conhecimentos necessários para entender os mecanismos de defesa do hospedeiro perante às substâncias estranhas. Demonstrar alguns mecanismos pelos quais a resposta imunológica pode ser avaliada in vivo e in vitro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABBAS, Abul K, LICHTMAN, Amndrew H, POBER, Jordan S. Imunologia Celular e Molecular. 6. ed. Elsevier. 2008. Rio de Janeiro.

AMATO NETO, Vicente, SILVEIRA BALDY, Jose Luiz & SILVA, Luiz Jacintho. Imunizações. 3.ed. Sarvier São Paulo. 1991.

ANEWAY JR. Charles A & TRAVERS, Paul. Imunobiologia. 7.ed. Artmed Porto Alegre. 2010.

CALICH, Vera Lucia Garcia, Vaz, Celideia A Copi. Imunologia Básica. Artes Médicas São Paulo. 1989.

FERREIRA, Antonio. Diagnóstico laboratorial das principais doenças infecciosas e auto-imunes. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, S. 2001.

GOLDSBY, Richard A., KINDT, Thomas J. & OSBORNE, Barbara A. Kuby Imunologia. 4. ed. Revinter. Rio de Janeiro. 2002.

HENRY, John Bernard. Diagnósticos clínicos e tratamento por métodos laboratoriais. 18.ed. São Paulo: Manole, 1995.

PEAKMAN, Mark, VERGANI Diego. Imunologia Básica e Clínica. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro: 1999.

ROITT, Ivan, BROSTOFF, Jonathan & MALE, david. Immunology. 6. Ed Mosby. Edinurgh. 2001.

STITES, Daniel P & TERR, Abba I. Imunologia Básica. Prentice Hall. Rio de Janeiro. 1992

MICROBIOLOGIA

Introdução ao estudo da microbiologia. Características e estudo dos principais grupos de vírus, bactérias e fungos de interesse médico. Iniciação do aluno em técnicas microbiológicas. Estudar as características gerais, a patogenicidade e os diagnósticos microbiológicos dos principais grupos de vírus, bactérias e fungos de interesse em patologia humana. Ensinar aos alunos as técnicas básicas para a manipulação destes microrganismos no laboratório de microbiologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BROOKS, G. F. et al. Microbiologia Médica de Jawetz, Melnick e Adelberg. Porto Alegre: AMGH, 26 ed., 2014.

FORBES, B.A, SAHM, D.F., WEISSFELD, A.S. Bailey & Scott's – Diagnostic Microbiology. Missouri: Mosby, 11 ed., 2002.

KONEMAN, E. et al. Diagnóstico Microbiológico – Texto e Atlas Colorido. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 7 ed., 2018.



MIMS, C. et al. Microbiologia Médica. São Paulo: Manole, 2005.
MURRAY, P.R., ROSENTHAL, K.S., PFALLER, M.A. Microbiologia Médica. São Paulo: Elsevier, 6 ed., 2010.
OPLUSTIL, C.P. et al. Procedimentos Básicos em Microbiologia Clínica. São Paulo: Sarvier, 3 ed., 2010.
TORTORA, G.J. et al. Microbiologia. São Paulo: Art Med, 10 ed., 2012. TRABULSI, L.R. et al. Microbiologia. São Paulo: Atheneu, 2004

EPIDEMIOLOGIA

Ecologia humana. Dinâmica populacional. Medidas de morbidade. Medidas de mortalidade. Epidemias e endemias. Modelos de pesquisa em epidemiologia clínica. Medicina baseada em evidências. Técnicas de tomada de decisão médica: solicitação racional de exames complementares, análise de decisão, tratamento e limiares de teste, análise de custo-efetividade. Acessando informações médicas. Avaliação da validade das informações médicas. Estudos de diagnóstico. Estudos de intervenção. Estudos de prognóstico. Metanálise. Estatística aplicada aos padrões biológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GORDIS L. Epidemiologia. 4.ed. Revinter, Rio de Janeiro, 2010.
MEDRONHO, RA. Epidemiologia. 2.ed. 1 reimpr. São Paulo: Atheneu, 2009.
FILHO NA, ROUQUAYROL MZ. Introdução à Epidemiologia. 4.ed., rev e ampliada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
PEREIRA, MG. Epidemiologia: teoria e prática. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

SEMIOTÉCNICA

Noções sobre Unidade Hospitalar, equipe multiprofissional. Prática dos procedimentos básicos de enfermagem e seus aspectos éticos, a fim de desenvolver habilidades manuais. Prestação de assistência ao indivíduo adulto, de maneira simulada (laboratório de Medicina e de Enfermagem) mediante avaliação das necessidades humanas. Prevenção e controle de infecção em serviços de saúde. Atividades práticas realizadas em ambiente hospitalar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Administração de Medicamentos / Revisão Técnica: Cabral, Ivone Evangelista, Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso Editores, 2002.
ANABUKI, M.H. Sistema de assistência de enfermagem: evolução e tendências. São Paulo: Ícone, 2001.
KOCH, R.M. Técnicas básicas de enfermagem. Curitiba: Século XXI, 2005.
SWEARINGER, P.L. Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem. trad. Isabel Barduchi Ohl, Porto Alegre: Artmed, 2001.
MOTTA, Ana Letícia. Normas, Rotinas e Técnicas de Enfermagem. São Paulo: Iátria, 2003. Cap. 14.
POSSO, M.B.S. Semiologia e semiotécnica de enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2003.
POTTER, P. Semiologia em enfermagem. 4º ed. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso., 2002.
TRALDI, Maria Cristina. Fundamentos de Enfermagem na Assistência Primária à Saúde. Campinas: Alinea, 2004. Cap VI.

PROCESSOS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Processos teóricos da educação popular em saúde. Tecnologias da Informação e Comunicação quanto à aplicabilidade na educação em saúde. Aprendizagem eletrônica. Aprendizagem colaborativa e significativa. Ambiente virtual de aprendizado como contexto propício à investigação da aprendizagem compartilhada e do conhecimento colaborativo na formação de profissionais da saúde. Práticas inovadoras da educação em saúde à comunidade.



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BORDENAVE, JUAN E. DIAS. Alguns Fatores Pedagógicos. OPS. Brasília, 1983.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Curso de formação de facilitadores em educação permanente em saúde: unidade de aprendizagem - Práticas educativas no cotidiano do trabalho em saúde.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Rio de Janeiro: Brasil Ministério da Saúde/FIOCRUZ, 2005.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 59p.
- CECCIN, R. B. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. Interface – Comunic, Saúde, Educ, v.9, n16, p.161-77, set. 2004/ fev. 2005.
- FREIRE, PAULO. Reflexão crítica sobre as virtudes da educadora ou do educador. In: Varal da Rede de Educação Popular em Saúde.
- FREIRE, PAULO. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água. (6 ed. 1995), 127 p.

SAÚDE, AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

Influência dos processos socioambientais nas condições e práticas de saúde. Relação sociedade-natureza na modernidade. Relação do meio ambiente, saúde e desenvolvimento. Riscos socioambientais e saúde, saneamento básico e a higiene dos alimentos como medidas de promoção da saúde, prevenção e controle de doenças.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CAPRA, F. Conexões Ocultas.SP. Ed. Cultrix, 2005.
- CAPRA, F. O Ponto de Mutação.SP. Ed. Cultrix, 1982.
- GOSWAMI, A. A Física da Alma.SP. Ed. Aleph, 2005.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia.SP. Ed. Paz e Terra, 1996.
- MATTOS, R.A. e Pinheiro, R. Os Sentidos da Integralidade. RJ. ABRASCO, 2001.
- MINAYO, M. C. S. Violência sob o olhar da saúde. RJ. Ed. FIOCRUZ, 2003.
- DIPLOMATIQUE, Le Monde. Alternativas ao aquecimento global. SP. Instituto Paulo Freire, 2007.
- VASCONCELOS, E.M. A Saúde nas Palavras e nos Gestos. SP. Ed. HUCITEC, 2001.
- LEOPARDI, M.T. Metodologia da Pesquisa na Saúde. SC. UFSC, 2002.
- MONSON, S. Earthlings(DVD). USA. Nation Earth, 2007.

ANATOMIA

Introdução ao estudo da anatomia humana. Conceitos gerais. Estudo teórico e prático topográfico do corpo humano orientado para a clínica. Formas de estudo, posição anatômica, planos e eixos do corpo humano, fatores gerais de variação, conceito de normal, termos gerais, plano geral de construção do corpo humano. Estudo sistêmico e topográfico do corpo humano evidenciando a terminologia, a anatomia radiológica e sua importância para a clínica. Neuroanatomia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AUMÜLLER, G. et al. Anatomia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.
- BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A. Neurociências: desvendando o sistema nervoso. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GRAY, H. Anatomia. 29. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.
- GILROY, A. M.; MACPHERSON, B. R.; ROSS, LAWRENCE, M. Atlas de Anatomia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.
- MOORE, K. L.; DALLEY, A. F. Anatomia orientada para a clínica. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2007.



NETTER, F. H. Atlas de Anatomia Humana. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008. WOLF-HEIDEGGER, G. Atlas de anatomia humana. Petra Kopf-Maier (Ed.). 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 2v.
ROHEN, J. W.; YOKOCHI, C.; LÜTJEN-DRECOLL, E. Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional. 6. ed. São Paulo: Manole, 2007.
SCHUENKE, M.; SCHULTE, E. Prometheus: Atlas de Anatomia: Anatomia geral e do aparelho locomotor, v. 1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. 22. ed., Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 2006, Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2006.

ANATOMIA PATOLÓGICA

Compreensão das origens biomoleculares das doenças. Estudo da dinâmica e desenvolvimento das doenças clínicas desde os seus primórdios. Etiologia e patogênese. Disfunções e implicações clínicas causadas pelas lesões. Descrições morfológicas essenciais. Arcabouço da anatomopatologia. Bases estruturais, repercussões funcionais e correlações anatomo-clínicas do sistema digestivo, incluindo fígado e vias biliares; tegumentar; genital masculino; feminino, incluindo mamas, endócrino; nervoso e linfo-hematopoiético, cardiovascular, respiratório, urinário, osteomuscular e partes moles. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Brasileiro-Filho, G. B.. Bogliolo Patologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
Fletcher C. D. Diagnostic histopathology of tumors. 3 th ed. London: Churchill Livingstone. 2007.
Kumar V. et al. Robins & Cotran - Patologia Bases Patológicas das Doenças. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

BIOÉTICA

Ética em prática profissional e pesquisa. Conselhos de medicina e códigos de ética. Imputabilidade penal e civil. Aspectos éticos dos transplantes, eutanásia e manipulação genética. Direitos e deveres dos médicos. Bioética do início e do final da vida. Aspectos éticos da documentação médica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

URBAN, C. A. Bioética Clínica, 1. ed., Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
SEGRE, M. A Questão Ética e a Saúde Humana, 1. ed., São Paulo: Atheneu, 2006.

BIOFÍSICA MÉDICA

Estudo da compartimentalização dos seres vivos. Transporte através das membranas biológicas. Bioeletrogênese. Princípios físicos dos gases e seu transporte através do sangue e líquidos corporais. Mecanismo de regulação do pH do sangue e líquidos corporais. Transmissão sináptica. Biofísica da contração muscular. Radiações. Bioeletricidade. Bioacústica. Biomecânica. Bioóptica. Biotermologia. Biofísica aplicada a hemodinâmica e nos exames de imagem (raios X-Ultrassom – ressonância magnética e medicina nuclear).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERTS, B. Biologia Molecular da Célula. São Paulo: Artmed, 2004.
GARCIA, EAC. Biofísica. São Paulo: Sarvier, 2006.
GUYTON, AC, HALL. JE. Tratado de Fisiologia Médica. São Paulo: Elsevier, 2006.
HENEINE, IF. Biofísica Básica. São Paulo: Atheneu, 2008.
OLIVEIRA, J, WACHTER, PH, AZAMBUJA, AA. Biofísica para Ciências Biomédicas. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.



DISCIPLINA INTEGRADORA I

Multidisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem em medicina. Aprendizagem baseada na solução de problemas (problematização). Educação em saúde. A integração horizontal e vertical das disciplinas do currículo de medicina. A integração com disciplinas de outros cursos da área da saúde e correlatos. O enfoque holístico na relação com o paciente e as implicações psicológicas, sociais e culturais (biopsicosocioambiental). Orientação para elaboração do trabalho de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BLASCO, Pablo González. Educação da afetividade através do cinema. IEF Instituto de Ensino e Fomento. 2006.
- CECY, Carlos. Metodologias Ativas: Aplicações e vivência em educação. Brasília: ABENFARMIO. 2010.
- GUYTON, A.C., HALL, J.E Tratado De Fisiologia Médica 10. ed. Editora Guanabara Koogan, 2002
- JUNQUEIRA, L.C. & CARNEIRO, J. Histologia Básica. 9ª ed., Editora Guanabara Koogan S/A, Rio de Janeiro, 1999.
- LEHNINGER, A.L., NELSON, D.L. & COX, M.M. Princípios de Bioquímica. 2ª ed., Editora Sarvier, São Paulo, 1995.
- MONTGOMERY, R., CONWAY, T.W. & SPECTOR, A.A. Bioquímica: uma abordagem dirigida por casos. 5ª ed., Editora Artes Médicas Ltda., São Paulo, 1994.
- MOORE KEITH, L. Anatomia orientada para a clínica. 3ª ed. Trad. do inglês. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1994.
- PORTO C.C. Semiologia Médica. 3ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1997.
- PROJETO DIRETRIZES DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA E DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, disponível no site da AMB. Disponível em: www.amb.org.br;
- PUTZ R. and PABST R. Atlas de anatomia humana: Sobotta. 21ª ed. Trad. do alemão. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2000.
- RAMOS Jr., J. Semiotécnica da Observação Clínica. 8ª ed., São Paulo, 1998.

DISCIPLINA INTEGRADORA II

Multidisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem em medicina. Aprendizagem baseada na solução de problemas (problematização). Educação em saúde. A integração horizontal e vertical das disciplinas do currículo de medicina. A integração com disciplinas de outros cursos da área da saúde e correlatos. O enfoque holístico na relação com o paciente e as implicações psicológicas, sociais e culturais (biopsicosocioambiental). Orientação para elaboração do trabalho de conclusão de curso. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALBERTS, B.; BRAY, D.; LEWIS, J.; RAFF, M.; ROBERTS, K; WATSON, J.D. Bases moleculares da célula. 3 ed., Porto Alegre,: Artes médicas, 1997.
- BENNET. C. Tratado de medicina interna. 20 ed.,Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.
- BERNE, R. M.; LEVY M.N. Fisiologia, 4ª. ed., Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2000.
- BLASCO,Pablo González. Educação da afetividade através do cinema. IEF Instituto de Ensino e Fomento . 2006.
- CECY, Carlos. Metodologias Ativas:Aplicações e vivência em educação. Brasília: ABENFARMIO. 2010.
- DOUGLAS, C.R. Tratado de Fisiologia Aplicada às Ciências da Saúde. 4ª. ed., Rose Editorial, São Paulo, 2000.
- GANONG, W.F. Fisiologia Médica. 19. ed., Rio de Janeiro, Mc Graw Hill do Brasil, 1999.
- MONTGOMERY, R., CONWAY, T.W. & SPECTOR, A.A. Bioquímica: uma abordagem dirigida por casos. 5ª ed., Editora Artes Médicas Ltda., São Paulo, 1994.



GUYTON, A.C., HALL, J.E Tratado De Fisiologia Médica 10. Ed. Rj . Guanabara Koogan, 2006.
LEHNINGER, A.L., NELSON, D.L. & COX, M.M. Princípios de Bioquímica. 2ª ed., Editora Sarvier, São Paulo, 1995.
MOORE KEITH, L. Anatomia orientada para a clínica. 3ª ed. Trad. do inglês. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1994.
MOORE, K. & PERSAUD, T.V.N. Embriologia Clínica. 6ª ed. Editora Guanabara Koogan S/A, Rio de Janeiro, 2000.
PORTO C.C. Semiologia Médica. 3ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. PROJETO DIRETRIZES DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA E DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, disponível no site da AMB. Disponível em: www.amb.org.br.

DISCIPLINA INTEGRADORA III

Multidisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem em medicina. Aprendizagem baseada na solução de problemas (problematização). Educação em saúde. A integração horizontal e vertical das disciplinas do currículo de medicina. A integração com disciplinas de outros cursos da área da saúde e correlatos. O enfoque holístico na relação com o paciente e as implicações psicológicas, sociais e culturais (biopsicosocioambiental). Orientação para elaboração do trabalho de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Fauci, A. S. et. al. Harrison's Principles of Internal Medicine 17th Edition . Ed. McGraw Hill, 2008.
Goldman, L. Ausiello, D. Cecil Tratado de Medicina Interna. 2 vols. 23. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
McPhee, Stephen J.; Papadakis, Maxine A. Current Medical Diagnosis & Treatment. 51.ed. Lange Current Series/ McGraw-Hill, 2012.
Crees Z. et al. The Washington Manual of Medical Therapeutics, 33e. Wolters Kluwer Health under license from Washington University.
Prado, Felicio Cintra do et al. Atualização terapeutica: manual pratico de diagnostico e tratamento. 20. ed. São Paulo: Artes Medicas, 2001.

FISIOLOGIA MÉDICA

Estudo das bases fisiológicas do sistema cardiovascular, respiratório, muscular, renal, digestivo, endócrino, reprodutor, potenciais de membrana, coagulação e sistema hematopoiético. Promovendo o conhecimento da fisiologia geral, básica, necessário ao entendimento de temas que serão abordados em diversas disciplinas do curso médico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Aires, M.M. Fisiologia, 4.a. Ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2012.
Guyton, A. C., Hall, J. E. Tratado de Fisiologia Médica, 11.a Ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2006.
Goodman, L.S; Gilman, A. As Bases Farmacológicas da Terapêutica. 11.a. ed. Rio de Janeiro. Editora McGraw Hill, 2006.
Sherwood, L. Fisiologia Humana: das células aos sistemas, 7.a. Ed. São Paulo. Cengage Learning, 2011.
Silbernagl, S. Despopoulos, A. Fisiologia – Texto e atlas. 7.a. ed. Porto Alegre, 2009.

METODOLOGIA CIENTÍFICA

Método científico. Tipos de pesquisas e etapas lógicas da investigação. Normatização do trabalho científico quanto ao planejamento, execução e apresentação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HULLEY, S.B. Delineando a pesquisa clínica. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008



SOUZA, E. L. (Org.) et al. Metodologia da pesquisa: aplicabilidade em trabalhos científicos na área da saúde. 2. ed., rev. e ampl. Natal, RN : EDUFRN, 2019.

FUNDAMENTOS DA NEUROCIÊNCIA

Conceituação geral do sistema nervoso: organização e função. Fundamentos de neuroanatomia, neurofisiologia, e mediação neural dos processos mentais, com uma visão integrada do homem. Estruturas e organização do sistema nervoso central e periférico: anatomia macroscópica do SNC, nervos cranianos e sistema nervoso autônomo, vasos e meninges, córtex, núcleos da base, sistema límbico, vias nervosas motoras e sensitivas. Estudos dos órgãos dos sentidos. Estudo da anatomia e fisiologia dos principais sistemas corticais e subcorticais. Integração entre sistema nervoso autônomo e límbico. Bases para a semiologia e para o diagnóstico topográfico do sistema nervoso, integrando conceitos básicos e clínicos introduzindo-se, assim, o estudo de problemas da neurologia e da psiquiatria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GUYTON, AC e HALL JE. Tratado de Fisiologia Médica, Ed. Guanabara-Koogan, 10a Ed, Rio de Janeiro, 2002.

MACHADO, A. Neuroanatomia Funcional, Ed Atheneu, 2ª Ed, São Paulo, 2002.

MARTIN JH. Neuroanatomia- Texto e Atlas. Artes Médicas, 2a Ed, Porto Alegre, 1998.

MENESES, MS. Neuroanatomia Aplicada, Ed. Guanabara-Koogan, 2a Ed, Rio de Janeiro, 2006

FELTER DL e JÓZEFOWICZ RF. Atlas de Neurociência Humana de Netter, Artmed Editora, Porto Alegre, 2003.

ENDOSCOPIA DIGESTIVA DIAGNÓSTICA E TERAPEUTICA

Abordagem do papel da endoscopia digestiva alta e endoscopia digestiva baixa no diagnóstico e tratamento de afecções benignas e malignas do aparelho digestivo. Aspectos técnicos para realização dos procedimentos endoscópicos básicos e avançados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARTIFON, E. L. A. et al. Tratamento das complicações em endoscopia terapêutica com base na prática. 1 ed., São Paulo: Editora Santos, 2007.

ARTIFON, E. L. A. et al. Endoscopia digestiva na prática clínica. 1 ed., Rio de Janeiro:Elsevier, 2018.

SAKAI, P. et al. Tratado de endoscopia diagnóstica e terapêutica. 3 ed., Rio de Janeiro: Atheneu, 2015.

ZATERKA, S., NATAN, E. I. S. I. G. J. Tratado de gastroenterologia - da Graduação À Pós-graduação. 1 ed., Rio de Janeiro: Atheneu, 2011.

PATOLOGIA GERAL

Estudo das alterações morfológicas tissulares e orgânicas decorrentes de agravos específicos à saúde. Compreender a patogênese, reconhecer as alterações morfológicas e as repercussões funcionais dos principais agravos à saúde. Conhecer técnicas de Histopatologia. Descrever os fenômenos morfológicos e funcionais que ocorrem no organismo humano decorrentes do processo inflamatório. Reconhecer os principais processos adaptativos orgânicos e suas repercussões funcionais. Compreender as alterações decorrentes de distúrbios hemodinâmicos. Descrever as principais alterações relacionadas a doenças ambientais, nutricionais e genéticas. Reconhecer a origem e as alterações morfológicas e funcionais das neoplasias mais prevalentes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KUMAR, V.; ABBAS, A. K.; ASTER, J. C. Patologia básica. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BRASILEIRO FILHO, G. B. Bogliolo: Patologia geral. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.



KUMAR, V.; ABBAS, A. K.; FAUSTO, N. Robbins & Cotran Patologia - Bases patológicas das doenças. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010
COTRAN, R. S.; KUMAR, V.; ROBBINS, S. L. Patologia estrutural e funcional. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.

ANESTESIOLOGIA

Física e anestesia (gases, vapores, fluidos e termologia). Material e equipamentos de anestesia. Acesso venoso superficial e profundo. Avaliação e preparo pré- anestésico. Recuperação pós anestésica. Farmacologia anestésica. Anestesia local e loco-regional. Anestesia geral, peridural e raquidiana.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARASH, Paul G; STOELTING, Robert K; STOCK, Christine M; CULLEN, B.F; CAHALAN, Michael K. Manual de Anestesiologia Clínica 7ª Edição. Revisão técnica desta edição: Rafael Ortega, Artmed 2015.
BRAZ JOSE REINALDO C; CASTIGLIA YARA MM. Temas de Anestesiologia para o Curso de Graduação em Medicina. Unesp, 2ª edição, Editora da UNESP, Botucatu, 2001.
BUTTERWORT, JOHN F; MACKEY, DAVID C; WASNICK, JOHN D. Morgan & Mikhail's Clinical Anesthesiology. McGraw-Hill Education Lange, 5th Edition, 2013.
GOODMAN & GILMAN's. The Pharmacological Basis Therapeutics 12th edition. New York: International, 2011.
LONGNECKER DE, BROWN DL, NEWMAN MF, ZAPOL WM – Anesthesiology 2nd Edition, New York, McGraw Hill Medical, 2012.
MANICA, James. Anestesiologia: Princípios e Técnicas 4ª Edição, Artmed, 2018.
MILLER, Ronald D ; PARDO, Manuel C. Basics of Anesthesia 7th Edition. Elsevier, Philadelphia, 2018.
STOELTING RK, HILLIER SC. Pharmacology & Physiology in Anesthetic, 4th Edition, Philadelphia, 2006.
STONE J; FAWCETT, W. Anaesthesia at a Glance. Wiley Blackwell, 2013.
YAO, FUN-SUN F; HEMMINGS, HUGH C; MALHOTRA V. Yao & Artusio's Anesthesiology Problem-Oriented Patient Management. 9th Edition, Wolters Kluwer, 2020.

CLÍNICA CIRÚRGICA I

Estudo das patologias cirúrgicas mais frequentes, com ênfase na etiologia, fisiopatologia, morfologia e correlação anátomo-clínica. Diagnóstico e tratamento em cirurgia geral, cirurgia torácica/cardiovascular e cirurgia do aparelho digestivo. Emergências cirúrgicas mais comuns. Processo de reabilitação dos pacientes cirúrgicos. Semiologia, etiopatogenia, fisiopatologia, diagnóstico e terapêutica das doenças do sistema urinário e do genital masculino. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRITO, Carlos José de et al. Cirurgia vascular – cirurgia endovascular – angiologia. 2 v. 2. ed. – Rio de Janeiro: Revinter, 2008.
COHN, L.H. Cardiac surgery in the adult. 4nd ed. New York: McGraw-Hill, 2012.
KIRKLIN, J. W.; BARRATT-BOYES, B. G. Cardiac surgery. 3.ed . New York: Churchill Livingstone, 2009.
MAFFEI, Francisco Humberto de Abreu et al. Doenças vasculares periféricas. 2 v. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
MATTOX. Trauma. 4. ed.. v. 1. Editora: REVINTER, 2005.
PAOLA, A. A. V., BARBOSA, M. M., GUIMARÃES, J. I. Livro Texto da Sociedade Brasileira de Cardiologia. 1. Ed. Barueri/SP: Manole, 2012.



SAAD JÚNIOR, R. et al. Tratado de Cirurgia do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC), 1. ed, v, 1. Editora: ATHENEU, 2011.
SABISTON. Tratado de Cirurgia. 18. Ed. 2 v., 2009.
TOWNSEND, C. M.; BEAUCHAMP, R. D. 18. ed.v. 2, Editora: Elsevier, 2011.
TOWNSEND, C. M.; EVERS, M. B. Atlas de Técnicas Cirúrgicas, 1. ed. Editora: Elsevier, 2011.
UILI, J. C. C. Aparelho Digestivo Clínica e Cirúrgica, 4. ed, Editora: Atheneu, 2012.
ZINER, M. J.; ASHLEY, W. A. Maingot's - Abdominal Operations, 13. ed. McGraw-Hill Medicine, 2018.

CLÍNICA CIRÚRGICA II

Semiologia, etiopatogenia, fisiopatologia, diagnóstico e terapêutica das síndromes e doenças oftalmológicas e otorrinolaringológicas mais prevalentes. Noções gerais, métodos de exames especializados pertinentes ao médico generalista em oftalmologia e otorrinolaringologia. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAILEY, BYRON J.; JOHNSON, JONAS T. Otorrinolaringologia Cirurgia de Cabeça e Pescoço. Quarta Edição. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.
BENTO, RICARDO F. ET. AL. Otorrinolaringologia baseada em sinais e sintomas. São Paulo: Fundação Otorrinolaringologia, 2011 (ISBN: 978-85-60956-02-9)
CALDAS NETO, SÍLVIO.; MELLO JÚNIOR, JOÃO F.; MARTINS, REGINA H. G.; COSTA, SADY S. Tratado de Otorrinolaringologia e Cirurgia Cérvico Facial. São Paulo: Roca, 2011.
CUMMINGS, CHARLES W. Otolaryngology Head & Neck Surgery. Mosby: St. Louis, 2010.
DOLCI, JOSÉ EDUARDO L., DA SILVA, LEONARDO. Otorrinolaringologia - Guia Prático. São Paulo: Ed. Atheneu, 2012.
SCHOR, P.; CHAMONI, W.; BELFORT JÚNIOR, R. Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar, UNIFESP/Escola Paulista de Medicina Oftalmologia, 1. ed. São Paulo: Manole, 1ª edição.
YAMANE, R. Semiologia Ocular, 3. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2009.
KANSKI, J. J. Oftalmologia Clínica, 6. ed. São Paulo: Ed. Elsevier, 2008.

CLÍNICA MÉDICA II

Fisiopatologia, diagnóstico clínico, laboratorial e por imagem em gastroenterologia, hematologia, pneumologia e endocrinologia. Elaboração da avaliação clínica: anamnese, exame físico, lista de problemas e diagnóstico diferencial das síndromes e doenças mais prevalentes. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Endocrinologia:

Garner DG, Shoback d. Endocrinologia Básica & Clínica de Greenspan, 10 ed. Editora AMGH, 2020.
Vilar L. Endocrinologia Clínica. 5. ed. Editora Guanabara Koogan, 2016. Gastroenterologia: Greenberger, NJ, Blumberg RS, Burakoff R. Current Diagnosis and Treatment: Gastroenterology, Hepatology & Endoscopy. Editora Dilivros, 2009.
Morales Filho JPP. Tratado das Enfermidades Gastrintestinais e pancreáticas, 1. ed., 2008.
Mincis, M. Gastroenterologia e Hepatologia: Diagnóstico e tratamento, 4. ed., 2008. Parise, ER; Porta, G. Manual de Diagnóstico e Tratamento das Doenças do Fígado, 2011.
Sociedade Brasileira de Endoscopia Digestiva. SOBED. Endoscopia Gastrointestinal Terapêutica – SOBED, 2007.

Hematologia:

Bordin JO, Langhi Jr DM, Covas DT. Hemoterapia Fundamentos e Prática , 1ª. edição, 2006.
Foucar K et al. Diagnostic Pathology Blood and Bone Marrow. Amirsys, First edition, 2012.
Goldmann L et. al.. Cecil Textbook of Medicine. W.B. Sanders Company, 24th Edition, 2012.



Greer JP, Wintrobe MM. Wintrobe's clinical hematology, 12th edition 2011. Harmening D. Modern Blood Banking and Transfusion Practices. 5th edition, 2005. Kaushansky K et al. Williams Hematology, 8th edition, 2010.

Longo DL et. al. Harrison's Principles of Internal Medicine 18th Edition . Ed. McGraw Hill, 2012.

Pneumologia:

Fauci, Anthony S et. Al. Harrison's Principles of Internal Medicine 17th Edition . Ed. Goldman, L et. al.. Cecil Textbook of Medicine W.B. Sanders Company, 23th Edition, 2008.

McGraw Hill, 2008.

Nery LE, Fernandes ALG, Perfeito JAJ. Guia de Pneumologia. Editora Manole, 2007.

Silveira IC. O Pulmão na Prática Médica. EPUB – Editora de Publicações Biomédicas, 4a. Edição, 2010.

Tarantino AB, Doenças Pulmonares. Editora Guanabara Koogan, 6a. Edição, 2007.

Torres BS. Pneumologia. Editora Guanabara Koogan, 2005.

CLINICA MÉDICA I

Fisiopatologia, diagnóstico clínico, laboratorial e por imagem em reumatologia, angiologia, nefrologia e cardiologia. Elaboração da avaliação clínica: anamnese, exame físico, lista de problemas e diagnóstico diferencial das síndromes e doenças mais prevalentes. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Reumatologia:

FIRESTEIN, G. S. et al. Kelley's Textbook of Rheumatology. 8th ed. Elsevier. 2009.

HOCHBERG, M. et al. Reumatologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

HOPPENFELD, S. et al. Propedêutica Ortopédica: coluna e extremidades. São Paulo: Atheneu, 2001. KLIPPEL, J. H. et al. Primer on the rheumatic diseases, 13. ed. New York: Springer, 2008.

MOREIRA, C.; PINHEIRO, G. R. C.; MARQUES NETO, J. F. Reumatologia Essencial. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

SKARE, T. L. Reumatologia. Princípios e Prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

Nefrologia:

BRENNER, B. M.; RECTOR, F. The Kidney, 9th edn. Philadelphia: Elsevier/Saunders, 2012.

FAUCI, A.S. et. al. Harrison's Principles of Internal Medicine 19th Edition . Ed. McGraw Hill, 2015.

RIELLA, M. C. Nefrologia. Princípios de Nefrologia e Distúrbios Hidroeletrólíticos. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

ZATZ, R. Fisiopatologia Renal. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002.

Cardiologia:

FAUCI, A. S. et. al. Harrison's Principles of Internal Medicine 19th Edition . Ed. McGraw Hill, 2015.

FOWLER, N. O. Sinais Físicos em Cardiologia. Atlas Colorido de Diagnóstico. 1. ed. São Paulo: Revinter, 2000.

GOLDMAN, L. AUSIELLO, D. Cecil Tratado de Medicina Interna. 2 vols. 23. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

GOLDWASSER, G. P. Eletrocardiograma orientado para o clínico. 3. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2009.

OPIE, L. H.; BERNAD, J. G. Fármacos em Cardiologia. 6. ed. Rio de Janeiro: DiLivros Editora, 2007.

SAAD, E. A. Tratado de cardiologia: volume 1: semiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

SERRANO JUNIOR, C. V.; TIMERMAN, A.; STEFANINI, E. Tratado de cardiologia SOCESP. Barueri: Manole, 2009. 2 v.

ZIPES D. P. et al. Braunwald – Tratado de Doenças Cardiovasculares. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

Angiologia:



BRITO, C. J. et al. Cirurgia vascular – cirurgia endovascular – angiologia. 2 v. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2014.

CONTE, M. S. et al. Global vascular guidelines on the management of chronic limbthreatening ischemia. European Journal of Vascular and Endovascular Surgery, v. 58, n. 1, p. S1-S109. e33, 2019.

MAFFEI, F. H. A. et al. Doenças vasculares periféricas. 2 v. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

PORTO, C. C. Semiologia Médica. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan 6. ed., 2009.

JORNAL VASCULAR BRASILEIRO (Órgão oficial da SBACV) – Disponível em: www.scielo.br/jvb e www.jvascbr.com.br

DERMATOLOGIA

Fisiopatologia, diagnóstico clínico, laboratorial e anátomo-patológico em dermatologia. Elaboração da avaliação clínica: anamnese, exame físico, lista de problemas e diagnóstico diferencial das síndromes e doenças mais prevalentes. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AZULAY, R. D.; AZULAY, D. R.; AZULAY-ABULAFIA, L. Dermatologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2019.

AZULAY, L. et al. Atlas de Dermatologia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2020.

WOLFF, K. et al. Fitzpatrick's Dermatology in General Medicine, 8. ed. McGraw-Hill, 2012.

WOLFF, K.; JOHNSON, R. A.; SAAVEDRA, A. P. Dermatologia de Fitzpatrick's: Atlas e Texto. São Paulo. Editora AMGH, 2014.

DIAGNÓSTICO POR IMAGEM

Princípios da Radiologia, ultrassonografia, ressonância magnética e medicina nuclear como métodos aplicados no diagnóstico e na compreensão da fisiopatologia. Geometria espacial.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Cerri, G. G. Ultrassonografia abdominal. 2. ed., Série Ultrassonografia. São Paulo: Revinter, 2009.

Goodman, L. Felson: Princípios de radiologia do tórax - estudo dirigido. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2001.

Juhl, J. H.; Crummy, A. B.; Kuhlman, J. E. Interpretação radiológica. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

Moller, T. B., Reif, E. Atlas de Anatomia radiológica. 3. ed. São Paulo: Artemed, 2012.

DOENÇAS INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS

Integração dos conteúdos de virologia, bacteriologia, parasitologia, biologia molecular e imunologia com a epidemiologia, clínica e o tratamento das Doenças Infecciosas e Parasitárias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Amato Neto, V. et al. Parasitologia - Uma abordagem clínica. 2008.

Brasil. Ministérios da Saúde. Manual de Recomendações para controle de Tuberculose no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

Brasil. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para o Tratamento da Hepatite Viral C e Coinfecções. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

Brasil. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para o Tratamento da Hepatite Viral Crônica B e Coinfecções. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Brasil. Ministério da Saúde. Recomendações para Terapia Antirretroviral em Adultos Infectados pelo HIV. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.



Mandell, Douglas and Bennett's. Principles and Practice of Infectious Diseases: Expert Consult Premium Edition, 2009.

Speitzer, N.; Toledo, P. V. M. Varicella e Herpes Zooster. In: Antonio Carlos Lopes e Vicente Amato Neto. (Org.). Tratado de Clínica Médica. São Paulo: Roca, 2006 1. ed. e 2009 2. ed., v. II. p. 3854-3858.

Veronesi, R.; Focaccia, R. Tratado de Infectologia, 2 vols., 4. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010.

GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA

Estudo da fisiologia e dos fenômenos do ciclo menstrual, fecundação e ciclo gravídico-puerperal. Orientação e planejamento familiar e sua aplicação na saúde da comunidade. Identificar os problemas ginecológicos, obstétricos e da reprodução humana mais frequentes e orientar condutas adequadas. Estudo das patologias do ciclo gravídico-puerperal e do sistema genital feminino. Estudo da esterilidade conjugal e da sexualidade humana. Climatério. Propiciar ao acadêmico o reconhecimento do diagnóstico e tratamento das principais patologias do ciclo gravídico-puerperal, da fecundação e do sistema genital feminino. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Baracat EC. Condutas em Ginecologia baseadas em evidências. 1a ed. Atheneu. 2016.

Berek JS. Berek & Novak's Gynecology. 15th ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 2012.

Berek JS. Novak - Tratado de ginecologia. 15ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2013.

Chagas CR et al. Tratado de Mastologia da SBM. 1a ed. Revinter 2011.

FEBRASGO. Manuais de Ginecologia e Obstetrícia da FEBRASGO – disponível em: www.febRASGO.org.br

Fernandes CE, Sá MFS. Tratado de Ginecologia FEBRASGO. 1.ed. Rio de Janeiro: Elsevier Editora. 2019.

UNIFESP. Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da Unifesp - Ginecologia.

UNIFESP. Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da Unifesp - Obstetrícia. UpToDate: Evidence-Based Clinical Decision Support – acesso presencial no Hospital Universitário dos Campos Gerais.

Zugaib M. Zugaib Obstetrícia. 2a ed. São Paulo: Manole. 2012.

MEDICINA LEGAL

Introdução ao Estudo da Medicina Legal. Perícias em geral. Exercício profissional médico. Antropologia forense. Traumatologia forense. Noções de Criminalística. Tanatologia forense. Asfixiologia forense. Tocoginecologia forense. Toxicologia forense. Psicopatologia forense.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Código de Ética Médica. Brasília: CFM, 2019. FRANÇA, G. V. Medicina legal. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

HERCULES, H. C. Medicina legal – Texto e Atlas. São Paulo: Atheneu, 2005. MARANHÃO, O. R. Curso básico de medicina legal. 8. ed. São Paulo: Editora Malheiros, 2005.

NEONATOLOGIA

Atendimento a criança na sala do parto. Avaliação da maturidade neonatal. Neurologia e prognóstico neonatal. Diagnóstico diferencial de cianose. Distúrbios respiratórios. Hiperbilirrubinemia. Doenças infecciosas neonatais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GOMELLA TL. Neonatologia. Manejo, Procedimentos, Problemas no Plantão, Doenças e Farmacologia Neonatal. 5ª Edição. São Paulo: Artmed Editora, 2006.



LOPEZ FA, CAMPOS JR. D. Tratado de Pediatria. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2008.
MAKSOUJ JG. Cirurgia Pediátrica. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
TUBINO P, ALVES E. Anatomia Funcional da Criança. Bases morfológicas para a prática pediátrica clínica e cirúrgica. 1ª Ed. Brasília: Editora UnB / Finatec, 2007.

ONCOLOGIA

Carcinogênese e fisiopatologia do câncer. Determinantes sociais e epidemiológicos do câncer. Etiologia, diagnóstico, estadiamento e tratamento das neoplasias mais prevalentes no Brasil. Noções sobre as terapêuticas oncológicas: cirurgia, quimioterapia, radioterapia, e outras. Detecção precoce e prevenção do câncer. Abordagem clínica das emergências oncológicas. Cuidados paliativos em oncologia. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Buzaid AC, Maluf FC, Lima CMR. Manual de Oncologia Clínica do Brasil, MOC 2021. MOC Tumores sólidos e MOC Manejo de Toxicidades 2021; Cuidados de suporte 2020 e Cuidados de suporte . <https://mocbrasil.com/>
Longo DL, Fauci SA, Kasper DL et. al. Harrison's Principles of Internal Medicine . Ed. McGraw Hill - última edição.
Goldmann L, Schafer AI. Goldman-Cecil Medicine. San Elsevier Saunders, - última edição.
Lopes A, Chammas R, Iyeyasu H. Oncologia para a Graduação . Livraria e Editora Marina. 3a. edição, 2013.
Gehm, PM et all. Tratado de Oncologia , 1ª. Edição, Editora Atheneu, 2013 Uptodate 2021
http://www.nccn.org/professionals/physician_gls/f_guidelines.asp NCCN – National Comprehensive Cancer Network
<http://www.meb.uni-bonn.de/cancer.gov/index.html> NCI - National Cancer Institute
<http://www.inca.gov.br>
INCA – Ministério da Saúde do Brasil

ORTOPEDIA E TRAUMATOLOGIA

Atendimento ao politraumatizado (ABC do trauma). Correlação entre exame clínico e exames complementares. Semiologia do aparelho locomotor e coluna vertebral. Diagnóstico por imagem em ortopedia e traumatologia. Patologias traumatológicas e ortopédicas na infância, adolescência e adulto. Princípios gerais do tratamento clínico e cirúrgico. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COHEN, M. et al. Tratado de Ortopedia, 1. ed. São Paulo: ROCCA 2007.
HERBERT, S. Ortopedia e Traumatologia: princípios de prática. 4 ed. Porto Alegre: TEMED, 2009

PEDIATRIA CLÍNICA E CIRÚRGICA

Fisiopatologia, diagnóstico clínico, laboratorial e por imagem (radiologia, ecografia e medicina nuclear) em pediatria clínica e cirúrgica. Elaboração da avaliação clínica: anamnese, exame físico, lista de problemas e diagnóstico diferencial das síndromes e doenças mais prevalentes em pediatria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KLIEGMAN. Nelson Tratado de Pediatria. 19ª Ed. Ed Elsevier, 2013. Coleção Pediatria do Instituto da Criança – Hospital das clínicas _ FMUSP
MAKSOUJ JG. Cirurgia Pediátrica. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
LOPEZ FA, CAMPOS JR. D. Tratado de Pediatria – Sociedade brasileira de pediatria 3ª Ed. Malone, 2014.



PEDIATRIA SOCIAL

Priorizar a abordagem integral da saúde e do desenvolvimento da criança e do adolescente considerando os aspectos biológicos, psicoafetivos, culturais, sociais, econômicos, políticos e as questões relativas à estruturação e funcionamento dos serviços de assistência à saúde da criança e do adolescente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARABETTA JR, B. A Utilização de Mapas Conceituais como Recurso Didático para a Construção e Inter-Relação de Conceitos. Rev. Bras. Educ. Med. 2013, 37(3): 441- 447.
LOPEZ FA, CAMPOS JR. D. Tratado de Pediatria. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2017.
MAKSOUJ JG. Cirurgia Pediátrica. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
MARTINS AC, FALBO NETO G, SILVA FAM. Características do Tutor Efetivo em ABP – Uma Revisão de Literatura. Rev. Bras. Educ. Med. 2018, 42(1): 103-112.
SILVA JR CAP, FONTENELE HB, SILVA ANR. Mapas Conceituais para Avaliação do Ensino-Aprendizagem em uma Disciplina de Engenharia de Transportes. Rev. Grad. USP 2017, 2 (2):23-30.

PRÁTICAS DE SAÚDE I

Visão em saúde total. Atenção primária à Saúde. Consolidação dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do primeiro ano.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Sistema Único de Saúde. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília: CONASS, v. 1, 2011.
_____. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Vigilância em Saúde - Parte 1. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS, v.5, 2011.
_____. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Regulação em Saúde. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília: CONASS, vol. 10, 2011.
_____. Ministério da Saúde. Política Nacional de Informação e Informática em Saúde. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/pniis.pdf>. Acesso em 17 jul. 2020.
BUSS, P. Brazil: structuring cooperation for health. The Lancet, v. 377, n. 9779, p1722–1723, 2011.
CAVALCANTE, R.C.; PINHEIRO, M.M.K. Política Nacional de Informação e Informática em Saúde: avanços e limites atuais. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, 2011, v. 1, n. 2, p. 106-119.
DUARTE, E.; EBLE, L. J.; GARCIA, L. P. 30 anos do Sistema Único de Saúde. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 27, n. 1, e00100018, 2018.
MACINKO, J.; HARRIS, M.J. Brazil's Family Health Strategy — Delivering Community- Based Primary Care in a Universal Health System. The New England Journal of Medicina, v. 372. n. 3, p. 2177-2181, 2015.
NOVAES, H. M. D Avaliação de programas, serviços e tecnologias em saúde. Revista de Saúde Pública, v. 34, n. 5, p. 547-559, 2000.
PAIM, J. et al. The Brazilian health system: history, advances, and challenges. The Lancet, v. 377, n. 9779, p1778–1797, 2011

PRÁTICAS DE SAÚDE III

Visão em saúde total. Atenção primária à Saúde. Consolidação dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do primeiro, segundo e terceiro anos. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Diretriz Brasileira de Diagnóstico e Tratamento da Síndrome Metabólica. Arquivos Brasileiros de Cardiologia - Volume 84, Suplemento I, Abril 2005



- Consenso Brasileiro sobre Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica - DPOC – 2004, *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, volume 30, suplemento 5, Novembro de 2004.
- Consenso Brasileiro no Manejo da Asma. *J Pneumol* 28(Supl 1) – junho de 2002. IV Diretrizes Brasileiras para o Manejo da Asma. *J Bras Pneumol*. 2006;32(Supl 7):S 447-S 474
- Alexander CM, Landsman PB, Teusch SM, Haffner SM. NCEP Defined metabolic syndrome, diabetes, and prevalence of coronary heart disease among NHANES III participants aged 50 years and older. *Diabetes* 2003;52:1210-4.
- Andrade TLES, Ramos-barbosa S, Pereira-silva JL. Protocolos de rastreamento para o diagnóstico precoce do câncer de pulmão: passado, presente e futuro. *J Pneumol* 28(5) – set-out de 2002.
- Barros JÁ, Valladares G, Faria AR, Fugita EM, Ruiz AP, Vianna AGD, Trevisan GL, Oliveira FAM. Diagnóstico precoce do câncer de pulmão. Variáveis epidemiológicas e clínicas, estadiamento e tratamento. *J Bras Pneumol*. 2006;32(3):221-7.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diabetes Mellitus / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2006. 64 p. il. – (Cadernos de Atenção Básica, n. 16) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Hipertensão arterial sistêmica para o Sistema Único de Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 58 p. – (Cadernos de Atenção Básica; 16) (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Obesidade / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília : Ministério da Saúde, 2006. 108 p. il. - (Cadernos de Atenção Básica, n. 12) (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- Consenso Brasileiro sobre Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica – DPOC. Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT); Revisão de Alguns Aspectos de Epidemiologia e Tratamento da Doença Estável – 2006.
- Guia Prático do Programa de Saúde da Família. Ministério da Saúde, Brasil, 2001. Brasil. Ministério da Saúde, 2006. Secretaria de Atenção à Saúde. Prevenção clínica de doença cardiovascular, cerebrovascular e renal crônica. Cadernos de Atenção Básica - n.º 14. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- Brasil. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual do sistema de informação de atenção básica (SIAB). Brasília – DF, 2003.
- Brasil. Ministério da Saúde. Cadernos de atenção Básica, Vigilância em Saúde, nº 21, Ministério da Saúde, 2007.
- Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ. Medicina Ambulatorial: Conduas de Atenção Primária Baseadas em Evidências. Artemed Editora, S.A., 2004.
- Fernandez A, Jatene FB, Zamboni M. Diagnóstico e estadiamento do câncer de pulmão. *J Pneumol* 28(4) – jul-ago de 2002.
- Girman CJ, Dekker JM, Rhodes T, Nijpels G, Stehouwer CDA, Bouter LM, et al. An exploratory analysis of criteria for the metabolic syndrome and its prediction of long- term cardiovascular outcomes: the Hoorn Study. *Am J Epidemiol*. 2005; 162: 438-47. Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease (GOLD), Revised 2011, www.goldcopd.org.
- Novaes FT, Cataneo DC, Ruiz RLJ, Defaveri J, Michelin OC, Cataneo AJM. Câncer de pulmão: histologia, estágio, tratamento e sobrevida. *J Bras Pneumol*. 2008;34(8):595-600.
- Novaes FT, Cataneo DC, Ruiz RLJ, Defaveri J, Michelin OC, Cataneo AJM. Câncer de pulmão: histologia, Zamboni M. Epidemiologia do câncer do pulmão. *J Pneumol* 28(1) – jan-fev de 2002.
- Protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas: v. 2 / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.
- O’Riordan M, Vega C P. New Joint Statement Streamlines Definition of Metabolic Syndrome. *Heartwire CME* , 2009-10-12.
- WHO Report 2011 global tuberculosis control.



PRÁTICAS DE SAÚDE IV

Inserção na comunidade. Visão em saúde total. Atenção primária à Saúde. Consolidação dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do primeiro, segundo e terceiro anos. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Vigilância em saúde - Parte 1 e 2. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS, 2011.
- COSTA, Elisa Maria A; CARBONE, Maria H. Saúde da família: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Rubio, 2004.
- DUNCAN, Bruce. B. et al. Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. 4ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 2013.
- FREEMAN, Thomas R. Manual de medicina de família e comunidade. 4ª Edição, São Paulo: Artmed, 2017.
- GUSSO Gustavo; LOPES José Mauro C; DIAS Leda C. Princípios, Formação e Prática. 2ª Edição, Artmed, 2018.
- LÓPEZ, Mario; LAURENTYS MEDEIROS, J. Semiologia médica: as bases do diagnóstico clínico. 5ª Edição, São Paulo: Revinter, 2015.
- ROTHMAN, Kenneth J. et al. Epidemiologia Moderna: teoria e prática. 3ª Edição, Artmed, 2011.
- ROUQUAYROL, Maria Z; GURGEL M. Epidemiologia & Saúde. 8ª Edição, Medbook, 2017.
- STARFIELD, Barbara. Atenção primária: equilíbrio entre necessidade de saúde, serviços e tecnologia. Brasília: UNESCO - Ministério da Saúde, 2002.
- STEWART. et al. Medicina Centrada na Pessoa. 3ª Edição, Artmed, 2017.

PSIQUIATRIA

Estudo fisiopatológico das principais doenças mentais, envolvendo aspectos preventivos e sociais. Psicofarmacologia e urgências psiquiátricas. Psicopatologia. Neuroses. Relações entre o organismo humano e as emoções e os distúrbios psiquiátricos mais frequentes. Diagnóstico das doenças psiquiátricas. Entrevista e anamnese em psiquiatria. Exame psíquico. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-IV-TRTM Tradução Cláudia Dornelles. 4.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BASTOS C.L. Manual do exame psíquico: uma introdução prática à psicopatologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- CLASSIFICAÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS E DE COMPORTAMENTO DA CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas – coord. Organiz. Mundial da Saúde; trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KAPLAN, H.I.; GREBB, J.A.; SADOCK, B.J. Compêndio de psiquiatria. 9. ed. Artmed. 2007.
- LOUSA Neto, M.R.; Elkis, H. Psiquiatria básica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MACKINNON, R.; YUDOFKY, S.C. Avaliação psiquiátrica na prática clínica. Porto alegre: Artmed, 1988.

SEMIOLOGIA E PROPEDÊUTICA I

Princípios e bases para prática médica. Método clínico. Anamnese. Técnicas básicas do exame físico. Exame físico geral. Correlação dos achados semiológicos com achados fisiopatológicos das principais síndromes clínicas. Relação médico- paciente. Método clínico centrado no paciente. Ética profissional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- Bickley, L. S. Bates: Propedêutica Médica. 10. ed. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan, 2013.



- Henry, J. B. Diagnósticos clínicos e tratamento por métodos laboratoriais. 20. ed. São Paulo: Manole, 2008.
- Fauci, Anthony Set. Al. Harrison's Principles of Internal Medicine 19th Edition . Ed. McGraw Hill, 2015.
- Goldman, L. Ausiello, D. Cecil Tratado de Medicina Interna. 2 vols. 23. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- Laurentys-Medeiros, M. L. J. Semiologia médica: as bases do diagnóstico clínico. 5. ed. São Paulo, Ed. Revinter, 2004.
- Martins, M. A. et al. Semiologia Clínica ,1.ed. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP, Hospital Universitário de São Paulo, USP. Santana de Parnaíba [SP]: Manole, 202.
- Porto, C. C.; Porto, A. L. Exame clínico – Bases para a prática clínica. Editora Guanabara Koogan, 8. ed., 2019.
- Seidel, H. M. et. al. Mosby Guia de Exame Físico. 6. ed. (tradução). Elsevier Editora Ltda, 2006.
- Swartz, M. H. Tratado de Semiologia Médica. 5. ed. Elsevier, 2006.

SEMIOLOGIA E PROPEDÊUTICA II

Estudo da semiotécnica, interpretação dos sintomas e sinais clínicos do aparelho cardiovascular, respiratório, digestivo, urinário, endócrino, neurológico e músculo-esquelético. Exames subsidiários. Obtenção de conhecimento, habilidades e atitudes suficientes para examinar um doente e chegar ao diagnóstico das síndromes clínicas. Na prática do atendimento ao paciente, aprender a interpretar a correlação dos achados semiológicos com os achados fisiopatológicos das principais síndromes clínicas. Exame físico dos adultos e crianças. Semiologia do aparelho cardiovascular. Exame do coração e dos vasos. Principais sintomas, sinais e principais síndromes cardiovasculares. Semiologia do aparelho respiratório. Sintomas, sinais e principais síndromes clínicas relacionadas ao Aparelho Respiratório. Semiologia do aparelho digestivo. Sintomas, sinais e principais síndromes. Semiologia do aparelho Nefro- Urinário. Sintomas, sinais e principais síndromes. Semiologia do sistema endócrino. Sintomas, sinais e principais síndromes. Semiologia do Sistema nervoso central, periférico e autônomo. Sintomas, sinais e principais síndromes. Semiologia do aparelho locomotor. Sintomas, sinais e principais síndromes. Semiologia do abdômen. Interrelação com os exames laboratoriais e de imagem. Interpretação das manifestações laboratoriais nas diversas modalidades das patologias humanas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- Bickley, L. S. Bates: Propedêutica Médica. 8a. ed. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan, 2005.
- Fauci, A. S. et. al. Harrison's Principles of Internal Medicine 17th Edition . Ed. McGraw Hill, 2008.
- Goldman, L. Ausiello, D. Cecil Tratado de Medicina Interna. 2 vols. 23. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- Porto, C. C.; Porto, A. L. Exame clínico – Bases para a prática clínica. Editora Guanabara Koogan, 6ª. Edição, 2008.
- Porto, C. C. Semiologia Médica. Editora Guanabara Koogan 6ª. Edição, 2009.

NEUROLOGIA

Estudo das doenças neurológicas e suas consequências. O estado de vigília, sono e coma. Funções cognitivas superiores. Doença de Alzheimer e outras demências. Distúrbios dos Movimentos. Doenças dos nervos periféricos e doença do neurônio motor. Miopatias e Doenças da Junção Neuromuscular. Doenças Desmielinizantes. Doenças vasculares do encéfalo e medula. Epilepsias. Cefaléias. Dor Crônica. Doenças Infecciosas do Sistema Nervoso Central. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



BACHESCHI, LA; NITRINI, R. A Neurologia que Todo Médico Deve Saber, Ed Atheneu, 2ª Ed, São Paulo, 2003.

ROWLAND, L.P. MERRIT Tratado de Neurologia. 11.ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007

TÉCNICA OPERATÓRIA E CIRURGIA EXPERIMENTAL

Princípios de cirurgia: assepsia e antisepsia; fundamentos técnicos para ingressos em centros cirúrgicos e suas justificativas. Ingresso e comportamento em sala de cirurgia e no campo cirúrgico nas diferentes cirurgias. Equipe cirúrgica: constituição e comportamento integrado. Campos, compressas, gaze, instrumental, fios de sutura, nós. Cirurgia Experimental: princípios técnicos e demonstrações.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Marques, Ruy Garcia. Técnica Operatória e Cirurgia Experimental. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2005.

BIOLOGIA MOLECULAR

Ciclo celular, estrutura, replicação, transcrição, e tradução do DNA. Mutação e reparo do DNA. Interação da Biologia Molecular com a bioquímica e a genética. Técnicas em Biologia molecular, mapas genéticos citológicos e físicos. Micro arranjos de DNA. Aplicação da Biologia molecular nas diversas áreas da medicina.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERTS, B., BRAY, D., LEWIS, J., RAFF, M., ROBERTS, K., WATSON, J.D. Biologia Molecular da Célula. Rio de Janeiro: Artmed. 5ª Ed. 2009.

CASE, C.L., FUNKE, B.R., TORTORA, G.J. Microbiologia, 8 ed., Artmed, 2005.

GRIFFITHS, A.J.F., MILLER, J.H., SUZUKI, D.T., LEWONTIN, R.C., GELBART, W.M. Introdução à Genética, 8. ed. Guanabara Koogan, 2006. LEWIN, B. Genes IX, Artmed, 2009.

NELSON, D.L, COX, M. M. Lehninger: Princípios de Bioquímica, 4 ed., Sarvier, 2006.

PIERCE, B.A. Genética: um enfoque conceitual, 1 ed., Guanabara Koogan, 2004.

SALZANO, F.M. Genômica, Atheneu, 2004.

SCHRECKENBERGER, P., WOODS, G. Diagnóstico Microbiológico, 6 ed., Guanabara, 2008.

WINN Jr., W., ALLEN, S., JANDA, W., KONEMAN, E., PROCOP, G.,

CIRURGIA VASCULAR PERIFÉRICA

Bases gerais da terapêutica em Cirurgia Vascular. Bases técnicas da Cirurgia Vascular e Endovascular. Indicações e tratamento cirúrgico das doenças arteriais, venosas e linfáticas. Pé diabético. Acessos Vasculares para hemodiálise. Técnicas vasculares para transplantes de órgãos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRITO, C. J. et al. Cirurgia vascular – cirurgia endovascular – angiologia. 2 v. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

CHANT, A. D. B. Sá, A. A. B. B. Emergência vascular. 1. ed. Rio de Janeiro: Di Livros, 2001.

HAIMOVICI, H. Cirurgia vascular: Princípios e Técnicas. 4. ed. Rio de Janeiro: Di Livros, 2000.

MAFFEI, F. H. A. et al. Doenças vasculares periféricas. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.



FISIOLOGIA DO EXERCÍCIO E MEDICINA ESPORTIVA

Fisiologia do exercício físico. Sistemas Energéticos. Fatores influenciadores do treinamento. Mensuração das capacidades energéticas. Nutrologia aplicada ao esporte. Biomecânica. Atenção e prevenção ao trauma no esporte.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. Tratado de fisiologia médica. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
GLEESON, M.; GREENHAFF, P. L.; MAUGHAN, R. Bioquímica do exercício e do treinamento. São Paulo: Manole, 2000.
MCARDLE, W. D.; KATCH, F. I.; KATCH, V. L. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento físico e ao desempenho. 5. ed. São Paulo: Manole, 2005.

IMUNOLOGIA CLÍNICA

Mecanismos imunológicos (celulares e moleculares) de defesa do hospedeiro a agentes infecciosos. Immunogenética (sistema MHC). Mecanismos imunológicos (celulares e moleculares) de auto-reatividade e geração de doenças auto-imunes. Mecanismos de alorreatividade: a rejeição de transplantes. Alergia e outras reações de hipersensibilidade. Reconhecimento imunológico de células tumorais. As síndromes de imunodeficiências hereditárias e adquiridas: SIDA/AIDS. Imunomodulação e imunoprofilaxia. Métodos imunológicos de diagnóstico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H. Imunologia celular e molecular. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
COICO, R.; SUNSHINE, G. Imunologia. Tradução: TOROS, E. F. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
JANEWAY, C.A.; TRAVERS, P.; WALPORT, M. Immunobiologia: o sistema imunológico na saúde e na doença. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
NAIRN, R. Imunologia: para estudantes de medicina. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
PARSLOW, T.G., STITES, D.P., TERR, A.I., IMBODEN, J.B. Imunologia Médica. 10.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
ROITT, I. M.; BROSTOFF, J.; MALE, D. Imunologia. 6. ed. Barueri: Manole, 2003.

EMERGÊNCIAS MÉDICAS

Infarto agudo do miocárdio. Assistência respiratória de emergência. Queimaduras. Hemorragia e hemoterapia. Estado de choque. Acidentes com animais peçonhentos. Emergências em Hematologia e Oncologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAUNWALD, Eugene et al. Harrison Medicina Interna. 17. ed. São Paulo: Artmed.
GOLDMAN, L. AUSIELLO, D. Cecil Tratado de Medicina Interna. 2 vols. 23. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
KNOBEL, E. Condutas no Paciente Grave. 3. ed. São Paulo: Editora Atheneu.
MATTOX, K. L.; TOWNSEND, C. M.; BEAUCHAMP, R. D. S. Sabiston Tratado de Cirurgia. 18. ed. Editora Elsevier, 2010.

INTERNATO EM SAÚDE DA FAMÍLIA I

Estágio prático nas Unidades de Saúde do município para acompanhamento de indivíduos, suas famílias e sua comunidade sob os princípios de saúde da família. Visita domiciliar supervisionada com atividades de prevenção e promoção de saúde. Atividades programadas de educação em



saúde. Utilização das ferramentas da saúde da família. Atividades nas áreas de Saúde Coletiva e Saúde Mental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ARCHANJO, D.R.; ARCHANGO, L.R.; SILVA, L.L. Saúde da Família na atenção primária. Curitiba: IBPEX, 2007. 391 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Vigilância em Saúde - Partes 1 e 2. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS, 2011.
- Ministério da Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. Série A. Normas e Manuais Técnicos, 7. ed. Brasília – DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 148 p.
- CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. Sistema Único de Saúde. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília: CONASS, v. 1, cap. 7. 2011. p.170-205.
- BRASIL. Protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas, v. 2 / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- CONSELHO NACIONAL DOS SECRETÁRIOS DE SAÚDE – CONASS. Programa de informação e apoio técnico às novas equipes gestoras estaduais do SUS de 2003. Legislação do SUS. Brasília: CONASS, 2003a. 604 p.
- DUNCAN, B.B.; SCHMIDT, M.I.; GIUGLIANI, E.R.J. Medicina Ambulatorial: Condutas de Atenção Primária Baseadas em Evidências. Artemed Editora, S.A., 2004.
- GOLD. Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease, Revised 2011, www.goldcopd.org.
- IMPROVING CHRONIC ILLNESS CARE – The Chronic Care Model. Disponível em <http://www.improvingchroniccare.org>.
- MACINKO, J., STARFIELD, B.; SHI, L. The Contribution of Primary Care Systems to Health Outcomes within Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) Countries, 1970–1998. Health Services Research, v. 38, p.831–865, 2003.
- MENDES, E V. A atenção primária à saúde no SUS. Fortaleza: Editora Escola de Saúde Pública de Fortaleza, 2002.
- MENDES, E.V. As redes de atenção à saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. 5. 2010, p.2297-2305.
- O'RIORDAN, M.; VEGA, C. P. New Joint Statement Streamlines Definition of Metabolic Syndrome. Heartwire CME, 2009-10-12.
- PEREIRA, M. G. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 596p.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. Sociedade Brasileira de Hipertensão/ Sociedade Brasileira de Nefrologia. VI Diretrizes Brasileiras de Hipertensão. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, v. 95, supl. 1, 2010, p. 1-51.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES. Algoritmo para o Tratamento do Diabetes Tipo 2, atualização 2011. 32p.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES. Diretrizes da Sociedade Brasileira de Diabetes. 3ª Ed. São Paulo: A. Araújo Farmacêutica, 2009, 400 p.
- STARFIELD, B. Atenção primária: equilíbrio entre necessidade de saúde, serviços e tecnologia. Brasília: UNESCO - Ministério da Saúde, 2004, 726p.
- WHO Report 2011 global tuberculosis control.

INTERNATO EM SAÚDE DA FAMÍLIA II

Estágio prático nas Unidades de Saúde do município para acompanhamento de indivíduos, suas famílias e sua comunidade sob os princípios de saúde da família. Visita domiciliar supervisionada com atividades de prevenção e promoção de saúde. Atividades programadas de educação em saúde. Utilização das ferramentas da saúde da família.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



- ARCHANJO, D.R.; ARCHANGO, L.R.; SILVA, L.L. Saúde da Família na atenção primária. Curitiba: IBPEX, 2007. 391 p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Vigilância em Saúde - Partes 1 e 2. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS, 2011.
- Ministério da Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. Série A. Normas e Manuais Técnicos, 7. ed., Brasília – DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil 2011-2022. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 148 p.
- CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. Sistema Único de Saúde. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília: CONASS, v. 1, cap. 7. 2011. p.170-205.
- BRASIL. Protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas, v. 2 / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- CONSELHO NACIONAL DOS SECRETÁRIOS DE SAÚDE – CONASS. Programa de informação e apoio técnico às novas equipes gestoras estaduais do SUS de 2003. Legislação do SUS. Brasília: CONASS, 2003a. 604 p.
- DUNCAN, B.B.; SCHMIDT, M.I.; GIUGLIANI, E.R.J. Medicina Ambulatorial: Condutas de Atenção Primária Baseadas em Evidências. Artemed Editora, S.A., 2004.
- GOLD. Global Initiative for Chronic Obstructive Lung Disease, Revised 2011, www.goldcopd.org.
- IMPROVING CHRONIC ILLNESS CARE – The Chronic Care Model. Disponível em <http://www.improvingchroniccare.org>.
- MACINKO, J., STARFIELD, B.; SHI, L. The Contribution of Primary Care Systems to Health Outcomes within Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) Countries, 1970–1998. Health Services Research, v. 38, p.831–865, 2003.
- MENDES, E V. A atenção primária à saúde no SUS. Fortaleza: Editora Escola de Saúde Pública de Fortaleza, 2002.
- MENDES, E.V. As redes de atenção à saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v. 15, n. 5. 2010, p.2297-2305.
- O'RIORDAN, M.; VEGA, C. P. New Joint Statement Streamlines Definition of Metabolic Syndrome. Heartwire CME, 2009-10-12.
- PEREIRA, M. G. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 596p.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. Sociedade Brasileira de Hipertensão/ Sociedade Brasileira de Nefrologia. VI Diretrizes Brasileiras de Hipertensão. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, v. 95, supl. 1, 2010, p. 1-51.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE DIABETES. Algoritmo para o Tratamento do Diabetes Tipo 2, atualização 2011. 32p.

INTERNATO EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA CLÍNICA

Estágio prático em unidades de atendimento de urgência e emergência a pacientes com doenças clínicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- TOWNSEND, C. et. al. Tratado de Cirurgia. 2 vol. 18 ed. Elsevier, 2010.
- MATTOX, K. L., FELICIANO, D.V., MOORE, E. E. (eds). Trauma. 4th ed. New York: MacGraw•Hill, 2000.
- SAAD JÚNIOR, R.; SALLES, R. A. R.; CARVALHO, W. R.; MOREIR, A. Tratado de Cirurgia do CBC. Editora Atheneu, 2009.

INTERNATO EM URGÊNCIA E EMERGÊNCIA CIRÚRGICA

Estágio prático em unidades de atendimento de urgência e emergência a pacientes com doenças cirúrgicas e acompanhamento de atendimento pré-hospitalar.



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABRANTES WL. Abdome agudo. Emergências médicas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.
- AMERICAN COLLEGE OF SURGEONS. Committee of Trauma. Advanced Trauma Life Support. Student Manual. 9 ed. Chicago: American College of Surgeons; 2018.
- MANSO ,J.E.F; SILVA ,F.C.D, Programa de atualização em cirurgia do CBC-Editora Secad 2019.
- MATTOX, K. L.; TOWNSEND, C. M.; BEAUCHAMP, R. D. S.– Tratado de Cirurgia. 18. ed. Editora Elsevier, 2010.
- PETROIANU, A ,Clínica Cirúrgica do Colégio Brasileiro de Cirurgiões – Editora Atheneu 2010.
- PIRES MT, STARLING LV. Manual de urgências em pronto-socorro. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017.
- SAAD JR, R; SALLES, R.A.R.; CARVALHO, W.R.; MOREIR, A. Tratado de Cirurgia do CBC. Editora Atheneu, 2009.
- MAN, V. Obstrução Intestinal: Causas e Conduas. Rev bras Coloproct, 2005;25(0):332-338.

INTERNATO EM CLÍNICA MÉDICA

Terapêutica das síndromes e doenças clínicas mais prevalentes. Estágio prático em clínica médica e suas especialidades para acompanhamento de pacientes internados e ambulatoriais sob supervisão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- GOLDMAN, L.; AUSIELLO, D. Cecil Tratado de Medicina Interna. 2 vols. 23. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- BRAUNWALD, E. et al. Harrison Medicina Interna. 17. ed. São Paulo: Artmed.

INTERNATO EM CLÍNICA CIRÚRGICA

Estágio prático em cirurgia para acompanhamento de pacientes internados e ambulatoriais sob supervisão. Instrumentação e auxílio a cirurgias eletivas. Prática de pequenas cirurgias ambulatoriais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- SABISTON. Tratado de Cirurgia. 18. ed. 2 v., 2009.
- SAAD JÚNIOR, R.; SALLES, R.A.R.; CARVALHO, W.R.; MOREIR, A. Tratado de Cirurgia do CBC. Editora Atheneu, 2009.
- COELHO, J. C. U. Aparelho Digestivo - Clínica e Cirúrgica, 2 vols., 4. ed. 2012.

TERAPÊUTICA MÉDICA

Estudo da farmacologia molecular aplicado a medicina clínica. Mecanismos subjacentes de ação dos agentes farmacológicos, estudo do modo como influencia e é influenciado pela doença e sua capacidade de causar efeitos clínicos benéficos ou nocivos ao organismo. Farmacogenômica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- WELLS; DiPiro; Schwinghammer; DiPiro. Manual de Farmacoterapia. 9ª ed. Porto Alegre. McGrawHill, Artmed, 2016.
- BRUNTON, L.L. Manual de Farmacologia e Terapêutica de Goodman & Gilman. 2ª ed. Porto Alegre. McGrawHill, Artmed. 2015.
- GOLAN, D. E.; TASHJIAN, A. H. Jr.; ARMSTRONG, E. J.; ARMSTRONG, A.W. Princípios de Farmacologia A Base Fisiopatológica da Farmacoterapia. 3. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
- BRUNTON, L.L. Goodman & Gilman: As Bases Farmacológicas da Terapêutica. 13ª ed. Rio de Janeiro: McGrawHill, 2019.
- BRAUNWALD, E.; et al. HARRISON: medicina interna. 20 ed. Rio de Janeiro : McGrawHill, 2019.



MURRAY, R. Bioquímica Ilustrada de Harper. 30.ed. Editora Artmed, 2017.

INTERNATO EM PEDIATRIA

Atendimento do recém-nascido normal. Principais doenças do recém-nato. Orientação do lactente normal. Doenças prevalentes nas diversas etapas do crescimento da criança: lactente, pré-escolar e adolescente em nível de atendimento primário.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA MFB, GUINSBURG R, ANCHIETA LN. Reanimação Neonatal – Diretrizes para Profissionais de Saúde. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Arte&Composição, 2012.

BEHRMAN RE, KLIEGMAN RM, JENSON HB et al. Tratado de Pediatria – Nelson. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (Secretaria de Atenção à Saúde, Departametro de Ações Programáticas e Estratégicas). Atenção à saúde do recém-Nascido: guia para os profissionais de saúde. 1ª Edição. Brasília: Editora MS, 2011.

GOMELLA TL. Neonatologia. Manejo, Procedimentos, Problemas no Plantão, Doenças e Farmacologia Neonatal. 5ª Edição. São Paulo: Artmed Editora, 2006.

LOPEZ FA, CAMPOS JR. D. Tratado de Pediatria. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2008.

MAKSOUJ JG. Cirurgia Pediátrica. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

MARTINS MA, VIANA MRA, VASCONCELLOS, MC, FERREIRA RA Semiologia da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: MedBook, 2010.

INTERNATO EM GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA

Atividades em serviços de atendimento primário à mulher. Subespecialidades da Ginecologia e Obstetrícia. Aprimoramento prático. Atendimento de Emergências.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Zugaib M. Zugaib Obstetrícia. 2 ed. São Paulo: Manole. 2012.

Berek JS. Novak. Tratado de Ginecologia. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2008.

Berek JS. Berek & Novak's Gynecology. 15th ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 2012.

Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da Unifesp - Ginecologia. Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da Unifesp - Obstetrícia. Chagas CR et al. Tratado de Mastologia da SBM. 1. ed. Revinter, 2011.

FEBRASGO. Manuais do Ministério da Saúde / Manuais da FEBRASGO. ALSO – Advanced Life Support in Obstetrics.

BIOLOGIA CELULAR

Aspectos estruturais e funcionais de moléculas, células e tecidos fundamentais. Membrana celular e suas especificações. Síntese e secreção celular. Matriz extracelular. Citoesqueleto. Sistema endossômico-lisossômico. Mitocôndria. Núcleo e ciclo celular. Membrana celular. Especializações da membrana citoplasmática. Preservação da organização estrutural e funcional das células e tecidos. Mecanismos celulares de síntese e secreção. Matriz extracelular e adesão celular. Métodos para evidenciação de estruturas e moléculas celulares específicas. Organização estrutural e funcional do citoesqueleto. Apoptose. Cultura de células.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERTS, B. et al. Fundamentos da Biologia Celular. Porto Alegre: Artmed. 4ª ed. 2017.

CARVALHO, H. F.; RECCO-PIMENTEL, S. M. A Célula. Barueri: Manole. 3ª ed. 2013.

COOPER, G. M.; HAUSMAN, R. E. A Célula: uma abordagem molecular. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.



JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. *Biologia Celular e Molecular*. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 9ª ed, 2012.

GENÉTICA

Padrões de herança monogênica na espécie humana. Análise de genealogias humanas. Os grupos sanguíneos humanos. Hemoglobinopatias e coagulopatias hereditárias. Erros metabólicos hereditários. Citogenética humana. Distúrbios multifatoriais e malformações congênitas. Genética e câncer. Genética de populações humanas. Genética molecular humana. Informação genética e diagnóstico pré-natal. Genética dos processos evolutivos. Diagnóstico molecular de doenças humanas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBERTS, B., et al. *Biologia Molecular da Célular*. 6 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2017. 1464p.

BORGES-OSÓRIO, M. R.; ROBINSON, W. M. *Genética Humana*. 3 ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2013. 784p.

GRIFFITHS, A.J.F., WESSLER, S.R., LEWONTIN, R.C., CAROLL, S.B. *Introdução à Genética*. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2016. 780p.

KLUG, W.S., CUMMINGS, M.R., SPENCER, C.A., PALLADINO, M.A. *Conceitos de Genética*. 9 ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2010. 896p.

LEWIN, B. *Genes IX*. 9ed. Editora Jones & Bartlett Learning. 2007. 892p.

OTTO, P.G., OTTO, P.A., FROTA-PESSOA, O. *Genética Humana e Clínica*. 2 ed. São Paulo: Editora Rocca. 2004. 360p.

MCINNES R. R. THOMPSON & THOMPSON. *Genética Médica*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2016. 400p.

READ, A., DONNAI, D. *Genética Clínica: uma nova abordagem*. 1 ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2008. 448p.

SNUSTAD, D. P., SIMMONS, M. J. *Princípios de Genética*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 2017. 760p.

WATSON, J. D., BAKER, T. A., BELL, S. P., GANN, A., LEVINE, M., & LOSICKE, R. *Biologia molecular do gene*. 7 ed. Porto Alegre: Editora Artmed. 2015. 912p

HISTOLOGIA HUMANA

Conceitos de unidades morfo-funcionais. Caracterização morfológica dos tecidos: epitelial (revestimento e glandular), conjuntivo (propriamente dito e de propriedades especiais), muscular e nervoso. Histofisiologia dos sistemas: nervoso, imunológico (órgãos linfóides), endócrino, tegumentar, circulatório, respiratório, digestório (canal alimentar e glândulas anexas), urinário, reprodutor masculino e reprodutor feminino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KIERSZERBAHUM, A. L. *Histologia e Biologia Celular - Uma Introdução à Patologia*. 4ª ed (ou superior). Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2016.

GARTNER, L.P. et al. *Tratado de histologia*. 3ª ed (ou superior). Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2007.

JUNQUEIRA, L.C. et al. *Histologia básica*. 12ª ed (ou superior). Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2013.

ROSS, M.H.; PAWLINA, W. *Histologia: texto e atlas. Em relação com a biologia celular e molecular*. 7. ed (ou superior). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

STRANDRING, S. *Gray's, anatomia*. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.



PSICOLOGIA

Conhecimento dos conceitos básicos em psicologia. Princípios básicos do desenvolvimento. Compreensão de fatores e fenômenos psicossociais nos processos de saúde e doença. Mecanismos de defesa do ego. Relação médico-paciente. Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-IV-TRTM Tradução Cláudia Dornelles. 4.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.
BAPTISTA, M.K.; DIAS, R.R. Psicologia hospitalar: teoria, aplicações e casos clínicos. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2009.
BASTOS C.L. Manual do exame psíquico: uma introdução prática à psicopatologia. 3.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2011.
D'ANDREA, Flávio Fortes. Desenvolvimento da personalidade. 4. ed. Rio de Janeiro, 1980.
DAVIDOFF, Linda. Introdução à psicologia. 3.ed. São Paulo: Makron Books, 2001.
KÜBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
MELLO FILHO, J. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MORTE E CUIDADOS PALIATIVOS

O médico lida constantemente com doenças incuráveis e a morte. Esta disciplina se propõe a abordar as principais alterações do adoecimento, abordar o paliativismo, o controle da dor e abordar a morte de maneira humanizada, reforçando o papel do médico no contexto multidisciplinar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SANTOS FS. Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer. São Paulo: Atheneu; 2009.
EAPC. Recommendations of the European Association for Palliative Care (EAPC) For the Development of Undergraduate Curricula in Palliative Medicine At European Medical Schools. 2013.
FERREIRA, Gabriel; MENDONÇA, Gabriela (Org.). Cuidados Paliativos - Guia de Bolso. 1a Ed. Academia Nacional de Cuidados Paliativos, 2017.
CARVALHO, Ricardo; PARSONS, Henrique (Org.). Manual de Cuidados Paliativos ANCP. 2a Ed. Academia Nacional de Cuidados Paliativos, 2012.
PESSINI L, BERTACHINI L. Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Edições Loyola; 2004.

DISCIPLINA INTEGRADORA IV

Multidisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem em medicina. Aprendizagem baseada na solução de problemas (problematização). Educação em saúde. A integração horizontal e vertical das disciplinas do currículo de medicina. A integração com disciplinas de outros cursos da área da saúde e correlatos. O enfoque holístico na relação com o paciente e as implicações psicológicas, sociais e culturais (biopsicossocioambiental).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Cohen J. The Earth is Round ($p < 0.05$). Am Psychol 1994;49(12):997-1003.
Concato J, Feinstein AR, Holford TR. The risk of determining risk with multivariable models. Ann Int Med 1993;118:201-10.
Croskerry P. The importance of cognitive errors in diagnosis and strategies to minimize them. Acad Med 2003;78(8):775-80.
Downes S. Guia das Falácias, Universidade de Alberta, 1996. Disponível em: <http://www.lemma.ufpr.br/wiki/images/5/5c/Falacias.pdf>.



- Gauch R. It's Great! Oops, No It Isn't: Why Clinical Research Can't Guarantee The Right Medical Answers. Nova Iorque: Springer, 2008.
- Hubbard R, Bayarri MJ. P Values are not Error Probabilities, Duke University Working Paper 2003. Disponível em: <http://ftp.isds.duke.edu/WorkingPapers/03-26.pdf>
- Illich I. Limits to Medicine: Medical Nemesis, the Expropriation of Health. Marion Boyars Publishers Ltd. London: 1975.
- Kraemer HC, Kupfer CJ. Size of Treatment Effects and Their Importance to Clinical Research and Practice. Biol Psychiatry 2006; 59:990-6.
- Kuhn T. The Structure of Scientific Revolutions. University of Chicago Press: Chicago, 1996.
- Lochner HV. Type-II error rates (beta errors) of randomized trials in orthopaedic trauma. J Bone and Joint Surg 2001;83(11):1650-165.
- Motulski H. Intuitive Biostatistics. Oxford: Oxford University Press; 2010.
- Sackett, DLI. Medicina Baseada em Evidências. Prática e ensino. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- Schafranski MD. Medicina - Fragilidades de um Modelo ainda Imperfeito. Schoba: Salto/SP, 2011.
- Schumacher M, Geller M. Bioestatística passo a passo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- Strazsak AM et al. Statistical errors in medical research – a review of common pitfalls. Swiss Med Wkly 2007;137:44-9.
- Valle B, Oliveira PE. Introdução ao Pensamento de Karl Popper. Curitiba: Champagnat, 2010.
- Vickers, AJ. What is a p-value anyway? 34 Stories to Help You Actually Understand Statistics. Boston: Addison Wesley; 2009.
- Welch HG, Schwartz L. Overdiagnosed: Making People Sick in the Pursuit of Health. Boston: Beacon Press; 2011.
- Ziliak ST, McCloskey DN. The Cult of Statistical Significance: How the Standard Error Costs Us Jobs, Justice, and Lives. Ann Arbor: University of Michigan Press; 2008.
- Strazsak AM et al. Statistical errors in medical research – a review of common pitfalls. Swiss Med Wkly 2007;137:44-9.
- Valle B, Oliveira PE. Introdução ao Pensamento de Karl Popper. Curitiba: Champagnat, 2010.
- Vickers, AJ. What is a p-value anyway? 34 Stories to Help You Actually Understand Statistics. Boston: Addison Wesley; 2009.
- Welch HG, Schwartz L. Overdiagnosed: Making People Sick in the Pursuit of Health. Boston: Beacon Press; 2011.
- Ziliak ST, McCloskey DN. The Cult of Statistical Significance: How the Standard Error Costs Us Jobs, Justice, and Lives. Ann Arbor: University of Michigan Press; 2008.

ORIENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - OTCC

Elaboração, desenvolvimento e apresentação de trabalho de conclusão de curso, conforme regulamento próprio aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DOWNES, S. Guia das Falácias, Universidade de Alberta, 1996. Disponível em: <http://www.lemma.ufpr.br/wiki/images/5/5c/Falacias.pdf>.
- CROSKERRY, P. The importance of cognitive errors in diagnosis and strategies to minimize them. Academic Medicine, v. 78, n. 8, p. 775-80, 2003.
- STRAZSAK, A. M. et al. Statistical errors in medical research – a review of common pitfalls. Swiss Medical Weekly, v. 137, p. 137:44-9, 2007.
- KRAEMER, H. C.; KUPFER C. J. Size of Treatment Effects and Their Importance to Clinical Research and Practice. Biological Psychiatry, v. 59, p.990-6, 2006.
- CONCATO J, FEINSTEIN AR, HOLFORD TR. The risk of determining risk with multivariable models. Annals of Internal Medicine, v. 118, p. 201-10, 1993.
- HUBBARD, R.; BAYARRI, M. J. P Values are not Error Probabilities, Duke University Working Paper 2003. Disponível em: <http://ftp.isds.duke.edu/WorkingPapers/03-26.pdf>.
- SCHUMACHER, M.; GELLER, M. Bioestatística passo a passo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.



SACKETT, D. L. L. Medicina Baseada em Evidências. Prática e ensino. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SCHAFRANSKI, M. D. Medicina - Fragilidades de um Modelo ainda Imperfeito. Schoba: Salto/SP, 2011.

EMBRIOLOGIA HUMANA

Histofisiologia gonadal e gametogênese humana. Fecundação. As três primeiras semanas do desenvolvimento embrionário. A quarta semana do desenvolvimento embrionário e o dobramento do embrião. Derivados dos folhetos embrionários. Placenta e membranas fetais. Desenvolvimento de sistemas e anomalias associadas. Teratogênese.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARLSON, B.M. Embriologia Humana e Biologia do desenvolvimento. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GARCIA, S.M.L. & FERNÁNDEZ, C.G. Embriologia. 3 ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2012.

GARTNER, L. P. Tratado de Histologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

KIERSZENBAUM, A. L. & TRES, L. L. Histologia e Biologia Celular - Uma Introdução à Patologia. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

MOORE, K. E PERSAUD, T.V. Embriologia Clínica. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2020.

MOORE, K.; PERSAUD, T.V.N.; TORCHIA, M. G. Embriologia BÁSICA. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.

SADLER, T.W. Langman Fundamentos de embriologia médica. 14 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

SCHOENWOLF, G. C et al., Larsen Embriologia Humana. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

WOJCIECH, P. Ross Histologia - Texto e Atlas. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021.

CIDADANIA E SOCIEDADE

Conceito e histórico de cidadania. Direitos e deveres do cidadão. Ética. Cidadania e trabalho. Cidadania e educação. Diretrizes para o atendimento às pessoas com necessidades educacionais especiais. Princípios e características da educação inclusiva. Aspectos éticos, políticos e educacionais da inclusão sociopedagógica. Aspectos psicológicos, biológicos e sociais do uso de drogas lícitas e ilícitas. Dependência. Prevenção, recuperação, tratamento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARBOSA, Irene Maria Ferreira . Enfrentando preconceitos: um estudo da escola como estratégia de superação de desigualdades. Campinas, Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997, 250pp.

BENDIX, R. Construção nacional e cidadania. São Paulo: Edusp, 1996.

BONETI, Lindomar Wessler (coord). Políticas públicas: educação e exclusão social. Educação, exclusão e cidadania. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1997.

CARVALHO, J. M. de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAVALIERI, Ana Lúcia Ferreira; EGYPTO, Antonio Carlos. Drogas e prevenções: a cena e a reflexão. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

LUCHIARI, Edemur Ercílio. Drogas, por três penas: aspectos farmacológicos, educacionais e comunitários. 2 ed. São Paulo: EE. Luchiari, 1998.

MARSHALL, T. H. Cidadania e classe social. In: __Cidadania, classe social e status.. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Cap. 3. p. 57-114.

PINSKY, J. (Org.). Práticas de cidadania. São Paulo: Contexto, 2004.



SAES, D. A questão da evolução da cidadania política no Brasil. Estudos Avançados, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 379-410, mai./ago. 2001.

SOARES, G. A. A democracia interrompida. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

MOISES. OLIVEIRA, F. de. Os direitos do antivalor. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS

Teoria: (26 h) Artefatos culturais surdos. O processo histórico da comunidade surda no mundo. Os parâmetros fonológicos principais da Libras (CM.; P.A.; M.). Legislação. Prática: (25 h) Expressões corpóreo-faciais e campos semânticos: Alfabeto datilológico; Números; Identificação Pessoal; Saudações e Gentilezas; Formas; Cores; Verbos; Estabelecimentos; Profissões.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. MEC/SEESP. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Brasília DF, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua brasileira de sinais. v. I e II. Sao Paulo: USP, 2001. 2 e. FERNANDES, S. Metodologia da educação especial. Curitiba: IBPEX, 2007 GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Sao Paulo: Parábola, 2009.

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L de; TESKE, O. (org.) Letramento e Minorias. Porto Alegre: Mediacao, 2002.

MITTLER, P. Educação inclusiva: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PARANÁ. SEED/SUED/DEE. Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

QUADROS, R. M. e KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira, estudos linguísticos. Porto Alegre: Artemed, 2004.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: UFSC, 2008.

VELOSO, E.; MAIA, V. Aprenda Libras com eficiência e rapidez. Curitiba: MaoSinais, 2009.

WILCOX, S. & WILCOX, P. P. Aprender a ver. Petrópolis: Arara Azul, 2005.

PRÁTICAS DE SAÚDE II – PRÁTICAS EM SAÚDE COLETIVA

Organização política, social e cultural do estado e sociedade. Saúde Única (One health), O Sistema Único de Saúde (SUS) e seus aspectos políticos, gerenciais, de financiamento e recursos humanos. Estratégias para implementação do SUS, Redes de Atenção à Saúde, Linhas de Cuidado, Políticas Nacionais: Medicamentos, Materno Infantil, Idosos, Saúde Mental, Trabalho, Homem, Pessoa com deficiência, Saúde Integral de populações chaves, Vigilância em Saúde (Epidemiológica, Ambiental e Sanitária). Realização de atividades de extensão.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, F. B. M. História e legislação do SUS e Saúde da Família. Rio de Janeiro: Editora Agbook, 2011.

<https://books.google.com.br/books?id=zt1zh3escCMC&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>

CAMPOS, G. W. S. Tratado de saúde coletiva, 2ª edição. São Paulo: HUCITEC, 2012.

CAMPOS, GWS. Um método para análise e cogestão de coletivos. São Paulo, editora Hucitec, quarta edição; 2013.

CARBONE, M H. Educação em Saúde. In: COSTA, E. M. A.; CARBONE, M. H. Saúde da Família: uma abordagem multidisciplinar. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2009, p. 83-91.

PAIM, J. S. O que é o SUS. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015. Capítulo 1: A Questão Saúde e o SUS; Capítulo 2: O Que Tínhamos Antes do SUS? <http://www.livrosinterativoseditora.fiocruz.br/sus>



EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE

Ferramentas de administração em saúde. Métodos de gerenciamento. Noções do mercado de saúde, suas opções e tendências. Empresas de saúde em processos operacionais. Identificação das características regional, estadual, federal e internacional. Planos Nacionais de Saúde e legislação atual dos sistemas nacionais de saúde, empreendedorismo e plano de carreira.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde Paidéia. São Paulo: HUCITEC, 2005, 2 ed., 185p.

KUSCHNIR, R. Organizando Redes de Atenção à Saúde: perfis assistenciais, articulação entre níveis e organização de linhas de cuidado. In: KUSCHNIR, R.; FAUSTO, M. Gestão de Redes de Atenção à Saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP/Fiocruz, 2014. p. 129-168.

LIMA, Luciana Dias de; QUEIROZ, Lúcia F. N. de; MACHADO, Cristiani Vieira e VIANA, Ana Luiza d'Ávila. Descentralização e regionalização: dinâmica e condicionantes da implantação do Pacto pela Saúde no Brasil. Ciênc. Saúde Coletiva, 17(7):1903-1914, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000700030&lng=p&t&nrm=iso>.

RIVERA, Francisco Javier Uribe, ARTMANN, Elizabeth. Planejamento e Gestão. Em Saúde: Conceitos, História e Propostas. DGO – Digital original ed., SciELO – Editora FIOCRUZ, 2012. JSTOR, www.jstor.org/stable/10.7476/9788575415795.

SANTOS, I S., SANTOS, M A B., and BORGES, DCL. Mix público-privado no sistema de saúde brasileiro: realidade e futuro do SUS.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 – prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: estrutura do financiamento e do gasto setorial [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência.

EPIDEMIOLOGIA APLICADA À CLÍNICA

Fornecer as bases conceituais da Epidemiologia clínica como método de investigação científica aplicada à temas da saúde. Enfoque prático crítico dos métodos aplicados a estudos de testes diagnóstico, prognóstico, à prevenção, ao tratamento e à avaliação de estratégias ou tecnologias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Almeida-Filho N, Barreto ML. Epidemiologia & Saúde - Fundamentos, Métodos, Aplicações. Guanabara - Koogan: Rio de Janeiro, 2011.

Clinical Practice, 3rd Edition, Mc Graw Hill, New York, 2015.

Fletcher RH, Fletcher SW, Fletcher GS. Clinical Epidemiology: the essentials. 5th Edition. Lippincott Williams & Wilkins. Philadelphia, PA, 2014.

Gordis L. Epidemiology. 5th Edition. Elsevier: Philadelphia, PA, 2014.

Guyatt G, Rennie D, Meade M, Cook C. Users' Guides to the Medical Literature: A Manual for Evidence-Based

Grobbee DE, Hoes AW. Clinical Epidemiology. Principles, Methods and Applications for Clinical Research. 2nd Edition. Jones & Bartlett Learning. Burlington, MA, 2015.

GERONTOLOGIA

Principais conceitos gerontológicos. O reconhecimento dos grandes problemas de saúde do idoso e a abordagem correta das doenças mais frequentes nesta faixa etária, associado ao manejo adequado de medicamentos. Polifarmácia em idosos. Desenvolver as habilidades necessárias para o trabalho interdisciplinar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA



FREITAS, E.V.; PY, L.; NERI, A.L. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 3. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011.

SCHWANKE, C.H.A. et. al. Atualizações em geriatria e gerontologia IV: Aspectos demográficos, biopsicossociais e clínicos do envelhecimento: Volume 4. Editora EDIPUCRS, 2012.

POPOV, D. C. S. Gerontologia e geriatria: Aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais do envelhecimento. Editora Érica, 2014.

8. FLUXOGRAMA

ANEXO I

9. RECURSOS HUMANOS

9.1 Corpo Docente

Currículo Vigente		Novo Currículo	
Efetivos	Colaboradores	Efetivos	Colaboradores
44	15	64	31

9.1.1 Classe

EFETIVOS	
Classe	Número de Professores
Titular	0
Associado	5
Adjunto	16
Assistente	23
Auxiliar	0
Total	44

9.1.2 Titulação

Titulação	Professores Efetivos	Professores Colaboradores
Graduado	0	1
Especialista	0	7
Mestre	22	4
Doutor	22	3
Total	44	15

9.1.3 Regime de Trabalho

Regime de Trabalho	Número de professores (efetivos e colaboradores)
Tempo Integral de dedicação Exclusiva (TIDE)	5
Tempo Integral (40 horas)	31
Tempo Parcial (20 horas)	23
Total	59

10. RECURSOS MATERIAIS



10.1 Materiais e Equipamentos

Laboratório de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental:

- Instalação de Ar condicionado para manutenção da temperatura do laboratório onde se encontram equipamentos de alto custo como o *Ultrafreezer*. A conservação dos equipamentos é fundamental para a manutenção das linhas de pesquisa do Departamento de Medicina.
- Conserto do *Ultrafreezer*.

Laboratório de Simulação:

- Manutenção e troca de peças nos manequins de intubação orotraqueal
- Aquisição de 35 cadeiras universitárias (com braço) para melhor atender as necessidades e ampliações do número de acadêmicos por turma

10.2 Laboratórios, Salas de Aula e Salas Especiais

- Criação de um Laboratório Multiusuário de Simulação Realística (LMSR), para fins de atendimento ao cumprimento das DCN dos PPC dos cursos de graduação da área da saúde na formação dos futuros profissionais, bem como atender a demanda de treinamento permanente de profissionais de saúde dos Hospitais vinculados a UEPG. A solicitação da criação do laboratório já está em andamento através do processo SEI nº 22.000044237-0.
- Criação de um Laboratório de Anatomia Patológica
- Melhorias na estrutura dos Laboratórios de “Técnicas Operatórias” e de “Simulação”
- Construção de auditório para o curso de medicina. O projeto do auditório já compõe o projeto inicial do bloco de medicina.
- Construção de mais salas de aula.
- Destinação de salas de aula para uso do curso de medicina nos hospitais utilizados pelo curso (Santa Casa, Hospital Regional dos Campos Gerais, Unidades de Saúde)
- Desenvolvimento de convênios entre a UEPG e o Município, com o objetivo de oferecer atendimento à população com o apoio dos professores e alunos de medicina.

10.3 Biblioteca

Manutenção de assinaturas de plataformas virtuais que ofereçam versões atualizadas de livros de diversas áreas, com acesso simultâneo por meio de dispositivos com acesso à internet.

11. ACESSIBILIDADE

O curso de Medicina é ofertado no Bloco M onde todos os andares possuem acesso por rampa e um elevador e banheiros adaptados. Os Hospitais que os alunos da UEPG frequentam apresentam condições de acessibilidade adequada para portadores de deficiência.

Não existem equipamentos de comunicação visual para surdos, carteiras, cadeiras e bancadas adaptadas. Contudo, o planejamento para as adaptações está em andamento junto à administração da Universidade, com as soluções para viabilizar condições e/ou equipamentos que se fizerem necessários.

A Biblioteca da UEPG está cadastrada no Portal Minha Biblioteca que possui as condições de acessibilidade para cegos e surdos. Também há a possibilidade de oferta de bolsas de tutoria para estudantes acompanharem outros estudantes que necessitem.

12. OUTRAS INFORMAÇÕES

13. ANEXOS

Declaração de aceite dos Departamentos para cada disciplina da nova matriz curricular. **ANEXO II.**

Extrato de Ata de cada Departamento aprovando a oferta de disciplina(s).



Tabela de equivalência de todas as disciplinas do currículo atual para o novo, com código e carga horária. No caso de cursos que são ofertados como Licenciatura e Bacharelado, ou Presencial e EaD, apresentar tabela de Equivalência entre eles. **ANEXO III**
Extrato da Ata do Colegiado de Curso aprovando o novo Projeto.

COORDENADOR DO CURSO



Universidade Estadual de Ponta Grossa

ANEXO DA RESOLUÇÃO CEPE Nº 2022.30

FL. 60 DE 60

5ª série	CÓDIGO	CH		REGIME	DISCIPLINA	
1680	35	307	420	35	Trimestral	Internato em Saúde da Família
		307	420	35	Trimestral	Internato em Saúde da Família II
	35	307	420	35	Trimestral	Internato em Urgência e Emergência Clínica
		307	420	35	Trimestral	Internato em Urgência e Emergência Cirúrgica
OBS: Estágios Curriculares em Regime de Internato Trimestral						
6ª série	CÓDIGO	CH		REGIME	DISCIPLINA	
1680	35	307	420	35	Trimestral	Internato em Clínica Médica
		307	420	35	Trimestral	Internato em Clínica Cirúrgica
	35	307	420	35	Trimestral	Internato em Pediatria
		307	420	35	Trimestral	Internato em Ginecologia e Obstetrícia

Disciplinas de Formação Básica	Disciplinas de Formação Específica Profissional	Disciplinas de Diversificação ou Aprofundamento	Atividades Complementares	Estágio Supervisionado	TOTAL
1.908	2.304	162	200	3.360	7.934

__ª Série		Nome da Disciplina		
CHA	CHS – 1º Semestre	Código	CH	CHS – 1º Semestre
	CHS – 2º Semestre			CHS – 2º Semestre

Em vigor a partir de 1º de janeiro de 2023 (Resolução CEPE nº 2022.30)